



Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em Metafísica
Mestrado Acadêmico

A Reconversão de Stockdale em Epicteto

Robson Clair da Silva

Brasília/2025

ROBSON CLAIR DA SILVA

A Reconversão de Stockdale em Epicteto

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Metafísica da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Metafísica na área de concentração Origens do Pensamento Ocidental.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Lopes Dinucci

Brasília/2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Therezinha da Silva, por ter me permitido nascer. Agradeço à Claudia Helena, minha bela esposa, primeira e única namorada a 38 anos, por materializar o amor em minha vida, por compreender as minhas ausências e por ser a minha melhor amiga. Agradeço a minha filha, Eduarda, por realizar meu maior sonho e desafios de ser pai. Agradeço ao meu orientador, o professor Aldo Dinucci, por ter me aceito como Orientando, pelo incentivo em produzir textos e me indicar para eventos acadêmicos, mas também por ter sido sempre gentil, paciente e agregador durante esse trabalho. Deixo aqui meus agradecimentos aos professores Vilmar Prata e Joelson Nascimento pelas importantes contribuições durante o meu exame de qualificação. Por fim, deixo meu agradecimento à Deus, por ter chegado até aqui por ter chegado até aqui, e ter me permitido conviver com um dos seus anjos chamada Preciosa na vida da minha família.

ABSTRACT

The 'Stockdale Conversion in Epictetus' explores Stockdale's psychological and philosophical transformation, influenced by his study of Epictetus' Manual, in an overlapping and hybrid manner, with backgrounds that cannot be disregarded related to his encounter with Phill at Stanford, the issue of honor, and even considering the reflections of the moral values upheld by Thomas Jefferson, an admirer of stoicism and Epictetus who envisioned the Naval Academy at Annapolis. Stockdale's conversion can be seen as a typical example of syncretism, where the stoic teachings of Epictetus intertwine with the training or forging received at the Academy. Later, during his time as a prisoner in Hanoi, Stockdale applied these stoic principles, demonstrating resilience and self-control in extreme situations. This union or fusion of ideas, beliefs, and experiences shaped his behavior and his ability to face adversities, reflecting the profound influence of stoic philosophy of Epictetus in his life and career.

Keywords: Epictetus, Stockdale, Anápolis, honor, reconversion, and syncretism.

RESUMO

A “Reconversão de Stockdale em Epicteto” explora a transformação psicológica e filosófica de Stockdale, influenciada por seu estudo do Manual de Epicteto, de forma sobreposta e híbrida e com antecedentes que não podem ser descartados ao seu encontro com Phill em Stanford, a questão da honra e considerando inclusive os reflexos dos valores morais cultuados por Thomas Jefferson, um admirador do estoicismo e de Epicteto que idealizou a Academia Naval de Anápolis. A reconversão de Stockdale pode ser visto como um típico exemplo de sincretismo, onde os ensinamentos estoicos de Epicteto se entrelaçam com a formação ou forjamento recebido na Academia. Posteriormente, durante seu tempo como prisioneiro em Hanoi, Stockdale aplicou esses princípios estoicos, demonstrando resiliência e autocontrole em situações extremas. Essa união ou fusão de ideias, crenças e experiências moldou seu comportamento e sua capacidade de enfrentar adversidades, refletindo a profunda influência da filosofia estoica de Epicteto em sua vida e carreira.

Palavras-chave: Epicteto, Stockdale, Anápolis, honra, reconversão e sincretismo..

Sumário

Introdução	7
1 – O Manual de Epicteto	12
2 – Epicteto em Stockdale	13
3 - Filósofos Antigos e Pierre Bourdieu	18
3.1. Filósofos Antigos	19
3.2. Pierre Bourdieu	21
4 – O processo de conversão, reconversão e sincretismo	23
4.1. Conceitos Preliminares	23
4.2. O Processo de conversão de Stockdale em Epicteto	27
5 – A Academia Naval de Anápolis e a Herança Espartana	28
5.1. A Herança Espartana	28
5.2. A Rotina	29
5.3. Thomas Jefferson e sua influência estoica	33
6 - O significado da Honra	37
7 - A honra, o medo, a vergonha, culpa e a camaradagem	40
8 – O Saber de Epicteto Sem Fronteiras	47
9 – A Reversão em Epicteto	48
Considerações finais	50
Bibliografia	55

Introdução

O presente trabalho sobre a "Reconversão de Stockdale em Epicteto", tem o propósito de explorar a transformação psicológica originada da formação militar que ainda nos dias de hoje conserva tradições espartanas do Vice-Almirante Jim Stockdale. Trata-se de um processo estruturado em uma sequência de fases que busca esclarecer como ocorreu a chamada reconversão, que inicia-se por experiências práticas na condição de Aspirante, passando por uma etapa de estudo do *Manual de Epicteto* (DINUCCI, 2012), e culminando em Hanói com uma transformação comportamental resultante da integração dessas etapas.

A pesquisa enfatiza como os princípios estoicos de Epicteto exerceram influência sobre Stockdale, especialmente durante sua experiência na carceragem no Vietnã, onde, em todas as oportunidades que teve, demonstrou resiliência extraordinária e incomum autocontrole. Isso ocorreu porque ele conseguiu incorporar em sua vida tanto a doutrina castrense quanto a filosofia.

O estoicismo, originado na Grécia por Zenão de Cítio¹, defende que a virtude é o único caminho para a verdadeira felicidade, acima de bens ou status. Essa filosofia propõe uma reflexão atual sobre o valor do “ser” frente ao culto ao “ter”, intensificado pelas redes sociais. Os estoicos enfatizam que não controlamos os eventos externos, mas somos responsáveis por nossas reações. O *Manual de Epicteto* destaca essa distinção, mostrando como ela transforma nossa maneira de viver. Ao compreendê-la, ganhamos liberdade interior e deixamos de reagir no impulso.

E aí vem uma pergunta que não dá para evitar: quanto tempo e energia já não jogamos fora tentando resolver coisas que nem dependiam de nós próprios?. Problemas que, se fôssemos sinceros, nem eram nossos para carregar. O estoicismo, nesse sentido, soa quase como um alerta: dá um passo atrás, observa, e escolhe com mais cuidado onde vale a pena colocar sua atenção.

Não obstante, Epicteto ressalta a importância de aceitar serenamente as

¹ Filósofo helenístico da Grécia Antiga, fundador do Estoicismo. Ele nasceu em Cítio, na Ilha de Chipre, por volta de 333 a.C e morreu em Atenas em 263 a.C. Era de origem fenícia. Após naufrágio na costa da ática, ele foi atraído pela filosofia em Atenas, onde se tornou discípulo de Crates de Tebas (DINUCCI,2012).

inevitáveis circunstâncias da vida e valorizar nossas próprias ações e pensamentos ao vivenciá-las. Cabe refletir que, embora o *Manual de Epicteto* valorize a liberdade interior, é preciso reconhecer que, na experiência humana, são raros os testemunhos daqueles que se empenham em manter a dignidade ancorada na própria consciência, especialmente quando vivem sob condições de sofrimento, injustiça ou exclusão.

Stockdale, na prisão em Hanói, sobreviveu a anos de tortura e confinamento; atribuiu sua resistência à filosofia estoica, que ele havia não somente estudado, mas decorado e incorporado em sua vida. Aplicou o *Manual de Epicteto* nos seus momentos de adversidades extremas, agarrando-se a ele como a uma tábua de salvação, conservando, de forma exemplar, a aceitação e a busca pela virtude a despeito do sofrimento, porque, ao fazer isso, deu um selo de ouro à credibilidade já conquistada pelos textos estoicos.

Depois da introdução ao estoicismo, vou seguir agora com a análise que foi proposto lá no começo. Ela não fica só nos ensinamentos de Epicteto, mas também tenta ampliar o olhar para outras conexões importantes como a ideia de honra e os fatores que vieram antes dessa transformação, especialmente no contexto atual, como no encontro de Stockdale com Phill em Stanford.

Durante a pesquisa, será necessário também invocar a Teoria do Habitus que segundo Bourdieu². (1979), o habitus é definido como um sistema de disposições duráveis e transferíveis, estruturadas e estruturantes, que orientam as ações, percepções e escolhas dos indivíduos. Nesse contexto, pode-se compreender como James Stockdale, durante sua formação na Academia Naval de Annapolis, foi indiretamente influenciado pelos valores morais e filosóficos do ex-presidente dos Estados Unidos, Thomas Jefferson. Admirador do estoicismo e, em particular, de Epicteto, Jefferson contribuiu de maneira sutil, porém constante, para a criação de um ambiente cultural que valorizava os ideais estoicos. Embora Jefferson não tenha fundado a Academia Naval, é sabido que demonstrava grande interesse pela formação de oficiais navais, o que pode ter influenciado, ainda que de forma indireta, a cultura institucional que moldou o habitus de Stockdale.

A reconversão de Stockdale atinge a uma terceira fase com a sua transformação

² Sociólogo francês do século XX. Ele nasceu em 1930 em Denguin, França, e morreu em 2002 em Paris. Bourdieu é conhecido por suas teorias como as estruturas sociais se conectam com a vida prática de cada indivíduo (REVEL,2013).

em exemplos de sincretismos filosófico e psicológico, quando os ensinamentos estoicos de Epicteto se entrelaçam prioritariamente com a questão da honra na formação moral e intelectual originadas da Academia Naval integrado ao *Manual de Epicteto*. Nesse particular, a referida fusão de ideias e experiências práticas com a teoria filosófica, funcionou como a bigorna onde foi temperado seu caráter, moldando ou forjando seu comportamento nos anos passados na condição de prisioneiro de guerra, e deu-lhe resiliência para enfrentar as adversidades com dignidade e equilíbrio emocional.

O estudo dessa convergência entre filosofias, valores e experiências práticas pode abrir uma nova perspectiva sobre a aplicação da filosofia estoica em situações de extremo estresse e atribulação, validando esses princípios mesmo em circunstâncias desafiadoras. Como se pode inferir, esta dissertação buscará não apenas analisar a profunda influência do estoicismo de Epicteto na vida de Stockdale, mas também tentar contribuir para uma compreensão mais ampla da interação entre a filosofia do pensador grego e a psicologia prática presente na formação militar que Stockdale recebeu em Anapolis, que guarda traços dos guerreiros espartanos marcantes.

Fazer menção a Epicteto no contexto de Stockdale confirma que os elementos fundamentais do pensamento estoico continuam presentes e cada vez mais vivos na filosofia ocidental. De forma indubitável, eles comprovam sua importância prática no cotidiano, muito além de integrar o campo teórico das ciências humanas. Nesse contexto, cabe refletir que relacionar o filósofo Epicteto a Stockdale não se trata apenas de uma consideração teórica sobre o estoicismo, mas do reconhecimento de sua utilidade prática como uma ferramenta à qual se pode recorrer como uma espécie de muleta na resistência moral.

A vida de Epicteto, quando comparada à experiência de James Stockdale, mostra como os ensinamentos do estoicismo atravessam o tempo e continuam fazendo sentido hoje. Epicteto, um dos principais filósofos dessa escola, destacava que a gente deve aceitar o que não pode controlar e buscar a virtude para encontrar equilíbrio interno.

Stockdale, que foi muito influenciado por essas ideias, passou anos preso durante a Guerra do Vietnã. Mas, mais do que sobreviver, ele usou os valores estoicos como base para manter a mente forte diante de tanta dificuldade.

Stockdale, Veterano Combatente, mencionava a filosofia de Epicteto como fundamental para sua sobrevivência emocional e mental em condições que fogem totalmente à normalidade, como as situações que são peculiares aos campos de batalha. Desta forma, isso demonstra que os estoicos não apenas elaboraram teorias filosóficas, mas também forneceram valiosas ferramentas práticas, verdadeiros mapas para navegar em meio às tempestades da existência, que podem ser aplicadas em situações extremas. Daí, a sua reconhecida capacidade de manter a calma diante da adversidade e de focar no que pode ser controlado, é um legado que ressoa profundamente nas ciências humanas, especialmente em áreas como psicologia, ética e liderança.

Além disso, a filosofia estoica que Stockdale decidiu seguir, por ser direta e prática, teve um papel essencial em ajudá-lo a enfrentar o sofrimento e a incerteza que viveu. Isso mostra como certos princípios filosóficos, especialmente os do estoicismo, que atravessam gerações e continuam fazendo sentido, mesmo em contextos tão extremos quanto o da guerra. As lições de Epicteto, aplicadas por Stockdale, não ficaram no papel: elas moldaram atitudes, decisões e reações diante do caos. E talvez seja justamente isso que mais chama atenção nessa corrente filosófica, porque ela não serve apenas para debates teóricos, mas também como uma espécie de manual para a vida real. Num mundo tão instável, poder contar com uma filosofia que ajuda a manter a calma e o controle emocional é, no mínimo, algo que merece mais atenção.

A menção a Epicteto no contexto da experiência de James Stockdale vai além de uma simples ligação histórica, porque ela também mostra como os princípios do estoicismo continuam válidos, mesmo diante dos desafios humanos mais difíceis. Essa conexão entre a filosofia clássica e a vivência moderna de um oficial militar revela que ideias antigas podem oferecer respostas práticas e profundas para situações complicadas, que extrapolam o campo teórico e não se restringe àqueles que fazem carreira na filosofia.

Neste trabalho, vamos explorar tópicos que aprofundam esse diálogo entre o pensamento estoico e diferentes contextos históricos e sociais. Entre eles estão o *Manual de Epicteto* e os filósofos da Antiguidade; a teoria social de Pierre Bourdieu; os processos de conversão, reconversão e sincretismo cultural; a tradição da Academia

Naval de Anápolis; a influência de Thomas Jefferson³; o caráter universal e potencial aplicação dos saberes de Epicteto; e, por fim, reflexões sobre o conceito de honra, incluindo suas relações com medo, vergonha, culpa, camaradagem e o conceito de “reversão” segundo Epicteto.

O tópico *Manual de Epicteto* apresentará como o texto estoico se traduz na base principal da pesquisa, que, no presente trabalho, é considerado a reconversão propriamente dita e que seria um eco ou espelho teórico dos ensinamentos colhidos na rotina por Stockdale na condição de discente da Academia Naval de Anápolis, porque os princípios éticos e a busca de uma postura virtuosa perante a vida já haviam sido semeados no solo fértil daquela instituição militar, que tinha a honra como virtude e legado maior.

Quando falamos dos filósofos antigos, como Aristóteles e os estoicos, vemos que eles não consideravam os hábitos virtuosos como dons naturais ou inatos, mas sim como práticas que precisam ser cultivadas com repetição consciente, guiada pela razão. Essa ideia se conecta diretamente com a experiência de cunho prático de James Stockdale na Academia Naval de Anápolis, onde ele incorporou esses ensinamentos estoicos em sua vida. O *Manual de Epicteto* reforça essa importância do cultivo intencional das virtudes castrenses espartanas.

De forma semelhante, o sociólogo francês Pierre Bourdieu contribui para essa compreensão com sua teoria do habitus, que descreve os hábitos como comportamentos adquiridos ao longo do tempo, moldados pelas estruturas sociais e históricas em que vivemos (BOURDIEU, 2009, p.436). Assim, tanto a filosofia quanto a sociologia reconhecem que os hábitos não são simples reações automáticas, mas resultados de práticas desenvolvidas ao longo da vida, influenciadas tanto pela razão quanto pelo ambiente em que estamos inseridos.

Na Academia Naval de Anápolis, Stockdale passou por uma transformação psicológica profunda: chegou como um civil e tornou-se um militar. Essa mudança envolveu a adoção de novos comportamentos, num processo de conversão que foi reforçado pelo contato com o Manual de Epicteto, num processo de reconversão.

³ Foi um dos principais nomes da história dos Estados Unidos. Ele foi o terceiro presidente dos EUA, servindo de 1801 a 1809. Foi também um dos principais autores da Declaração de Independência dos Estados Unidos, que foi assinada em 1776 (UNITED STATES,2025).

O motivo da inserção de Thomas Jefferson no presente trabalho deve-se à influência do estadista, que foi admirador do estoicismo e de Epicteto. Embora não tenha sido o político responsável direto pela criação da Academia Naval de Anápolis, Jefferson fundou a Academia Militar de West Point, instituição do Exército dos Estados Unidos que estabeleceu um Código de Honra. Esse código serviu de base para outras instituições militares e certamente impactou diretamente a formação ética dos discentes de West Point e indiretamente dos alunos de Anápolis, como foi o caso de Stockdale.

Os conceitos de honra, medo, vergonha, culpa e camaradagem são elementos constantes na formação militar desde os guerreiros de Esparta (PRESSFIELD, 2020, p.78). Esses valores aparecem repetidamente nos textos relacionados a Stockdale e são identificados na leitura do *Manual de Epicteto*, termos que, como se pode inferir, são inseparáveis do que significa ser um soldado.

No oitavo capítulo da presente dissertação, é tratado Epicteto sem fronteiras, deixa claro a tentativa que os seus ensinamentos são dignos de acolhimento universal, não deve ser visto apenas na filosofia o lugar em que se esgota a sua aplicação, mas também no mundo castrense e por extensão toda a humanidade.

Rematando, a questão da Reversão em Epicteto, que é o nono capítulo da dissertação, trata-se da necessidade de um aprofundamento posterior do assunto para a elaboração de uma Tese de Doutorado, que teria proposição como tema: “A Virtude após o Campo de Batalha: Estoicismo, Epicteto e Filosofia da Mente na Construção e Ressignificação da Vida de Veteranos de Guerra”. O propósito seria trabalhar o *Manual de Epicteto* juntamente com outras referências, na articulação da ética estoica, da filosofia da mente e da psicologia do trauma, visando buscar compreender e reconstruir o sujeito pós-guerra.

Em resumo, partimos das seguintes premissas: (1) A formação militar de Stockdale foi fundamentada em valores éticos e culturais que valorizavam a honra, o autocontrole e a disciplina; (2) A filosofia estoica de Epicteto forneceu as fundamentais ferramentas práticas que Stockdale utilizou em sua vivência extrema como prisioneiro de guerra; (3) Os seus ensinamentos são dignos de acolhimento universal, não deve ser visto apenas na filosofia; e (4) Reversão em Epicteto foi apresentada como uma necessidade de um aprofundamento posterior do assunto para a elaboração de uma Tese de Doutorado. A partir dessas premissas, concluímos que o tema reconversão de Stockdale representa uma síntese entre formação militar e filosofia estoica, revelando a

aplicabilidade concreta da virtude estoica como guia para a resiliência diante do sofrimento humano de uma forma que extrapola unicamente ao saber filosófico e que possui potencial de uma maior abrangência.

1 – O Manual de Epicteto

Também chamado de *Encheiridion*, que é um livro antigo, mas que carrega em suas ideias uma fonte sempre atual e de suma importância, para quem quer encontrar a escassa calma e autocontrole. Epicteto teve um começo de jornada difícil, foi escravo, e ainda assim se tornou um dos nomes mais fortes e relevantes dentre os pensadores do estoicismo. Nesse manual denso e curto, em seu pensamento Epicteto conclusivamente mostra o que realmente depende da gente, que são os nossos pensamentos, julgamentos, ações, e também tudo aquilo que está fora do nosso alcance, como as opiniões dos outros ou as circunstâncias que não controlamos. O texto escrito pelo seu discípulo Ariano, é simples, mas carrega uma profundidade que convida a todo aquele que teve contato com as suas linhas em pensar diferente diante dos obstáculos e desafios que são apresentados pela vida.

O conteúdo da introdução do *Encheiridion* serviu de inspiração, na Antiguidade, para Marco Aurélio, imperador romano e autor das *Meditações*. Em seus escritos, Marco Aurélio estabelece um diálogo constante com os ensinamentos de Epicteto, e isso pode ser claramente percebido quando ele reforça princípios fundamentais do estoicismo, como o controle dos impulsos e a aceitação do que não depende de nós — pontos destacados por Aldo Dinucci em sua tradução da obra de Epicteto (DINUCCI e JULIEN, 2011).

Quando se pensa nos espartanos, que eram guerreiros caracterizados pela disciplina extremamente rígida, pela coragem e por um senso de dever para com a comunidade que ia muito além do indivíduo e valorizava o grupo. Enquadrando nesse contexto, está o artigo *On Cleomenes and Sphaerus: How Stoic was the Spartan King*. Segundo Konstantakos (2013), que narra como o rei Cleômenes III foi influenciado pelo estoico Esfero para promover reformas que juntavam o rigor militar com a preocupação coletiva. Em outras palavras, para eles, virtude, coragem e justiça eram inseparáveis da vida em comunidade, ratificando a aplicação mais ampla dos saberes filosóficos.

Em tempos mais recentes, vale ressaltar a inspiração relatada por James Stockdale, que foi piloto e prisioneiro de guerra no Vietnã. Em *Thoughts of a Philosophical Fighter Pilot*, ele conta como a filosofia estoica foi fundamental para suportar a tortura e o confinamento, conforme está sendo tratado no atual trabalho de pesquisa (STOCKDALE, 1995, p.143).

Quando se aborda a questão em pauta, se percebe que o *Manual de Epicteto* e a ética militar espartana têm um grande alinhamento: necessário controle sobre si mesmo, disciplina e um compromisso que ultrapassa a própria pessoa e valoriza a coletividade. Epicteto exemplifica de forma consistente como oportunidades para a virtude crescer, e isso lembra bastante a agogê, o duro treinamento espartano, que transformava os jovens não só em soldados, mas em cidadãos íntegros e preocupados com a sociedade em que fazem parte.

Esse alinhamento fica ainda mais evidente quando lembramos que tanto o estoicismo quanto os espartanos valorizam a ideia de que a verdadeira liberdade é se dominar por dentro, e não controlar tudo ao redor. Epicteto deixa isso claro no *Encheiridion*, e fazendo comentário sobre a opinião sobre as coisas que podem nos perturbar e não as coisas em si (EPICTETO, *Encheiridion*, 5a).

Essa é uma lição importante para qualquer um que enfrenta momentos difíceis, seja no campo de batalha ou na vida comum, e para quem luta por algo maior que ele mesmo.

Ao final dessa reflexão, fica claro que o *Manual de Epicteto* vai muito além de um simples texto antigo: é uma obra viva, que continua oferecendo caminhos para quem busca enfrentar a vida com coragem e equilíbrio. Sua mensagem sobre autocontrole, responsabilidade e serenidade diante do que não podemos controlar ainda encontra eco nos dias de hoje, tanto entre soldados quanto entre civis, líderes ou qualquer pessoa comum diante de desafios. É impressionante como seus ensinamentos se conectam à ética dos espartanos, ao exemplo de personalidades como Mandela e, principalmente, à trajetória de James Stockdale, que fez do estoicismo uma âncora real em tempos de sofrimento extremo. No fundo, tudo isso nos lembra de algo essencial: mesmo quando tudo ao nosso redor parece fora de controle, ainda podemos escolher como reagir e, muitas vezes, é nessa escolha que reside a nossa verdadeira força interior.

2 – Epicteto em Stockdale

O *Manual de Epicteto*, como já mencionado, influenciou figuras como o imperador romano Marco Aurélio e o líder sul-africano Nelson Mandela. Essa mesma obra refletiu, ainda que de forma inconsciente, na transformação psicológica e filosófica vivida por Stockdale entre os discentes da Academia Naval de Anápolis. Essa instituição, fundada sob a influência das ideias de Thomas Jefferson — admirador do estoicismo e defensor da honra e da virtude como pilares fundamentais da sociedade —, está alinhada com os princípios defendidos por Epicteto, como a razão, o autocontrole e a resiliência.

Para Stockdale, a formação na Academia, inspirada por um admirador do estoicismo de Epicteto, forjou seus valores éticos e o preparou para enfrentar os desafios extremos da guerra. Stockdale⁴, fiel aos ensinamentos do *Manual de Epicteto*, não apenas encontrou nele sustentação durante os longos anos de cativo no Vietnã, mas também se tornou um líder respeitado entre seus colegas prisioneiros. Para eles, ele representava um símbolo de esperança e resiliência. Ao aplicar os princípios estoicos, Stockdale ajudou a criar um ambiente de camaradagem, solidariedade e força, mostrando que a filosofia pode ser uma poderosa ferramenta prática para a vida cotidiana.

Essa integração entre a formação militar de Stockdale e os ensinamentos do *Manual de Epicteto* evoluiu ao longo do tempo em etapas distintas. Inicialmente, ele passou pelo processo de formação e conversão na Academia Naval de Anápolis, onde os valores de honra foram profundamente cultivados. Depois, teve seu primeiro contato com o *Manual de Epicteto* na Universidade de Stanford, o que marcou uma nova fase de transformação pessoal ou reconversão propriamente dita. Por fim, essa trajetória culminou na fusão dessas influências, resultando em um sincretismo, onde a prática sólida onde os princípios estoicos e a tradição militar se entrelaçam, guiando sua vida e liderança.

Stockdale aprendeu, mais do que tudo, a importância do autocontrole prático. Ele sabia que precisava aceitar aquilo que não podia mudar e concentrar suas energias em cultivar sua própria virtude e resiliência. Assim como Epicteto ensinava, compreendeu

⁴ Dados relevantes e tratados no presente trabalho sobre a conversão de Stockdale em Epicteto, foram obtidas no texto intitulado *Coragem Sob Fogo: testando as doutrinas de Epicteto em um laboratório comportamental humano* / organizado por Aldo Dinucci. Montecristo Editora, 2024.

que a verdadeira liberdade interior nasce do domínio da mente e da manutenção da integridade, independentemente das circunstâncias externas.

O *Manual de Epicteto* é uma obra essencial do estoicismo que traz ensinamentos práticos sobre como viver com virtude, controlar as emoções e aceitar o que está fora do nosso alcance. O texto também nos ensina que a verdadeira liberdade não depende do destino, mas sim da nossa mente, da capacidade que temos de dominá-la e manter nossa integridade moral.

Nesse sentido, Stockdale destacou que a capacidade de preservar a honra e a dignidade está ligada à ideia de que a liberdade interior é inegociável e que nossa mente tem o poder de moldar a percepção da realidade. Essa filosofia não apenas sustentou Stockdale durante os anos de cativeiro, mas também o transformou em um líder respeitado entre seus companheiros de prisão, que viam nele um símbolo de esperança e força. Ao aplicar os princípios estoicos, ele criou um ambiente de camaradagem e resistência, mostrando que os ensinamentos de Epicteto são muito mais que teoria, porque são ferramentas práticas para a vida, conforme exemplos diversos apresentados no livro *Coragem sob Fogo: testando as doutrinas de Epicteto em um laboratório comportamental humano* / organizado por Aldo Dinucci (STOCKDALE, 2024, p.33).

Durante seus anos como aspirante na Academia Naval de Anápolis, que cultivava valores da sociedade da antiga Esparta, Stockdale recebeu uma formação sólida, baseada na disciplina militar, na liderança e no respeito à hierarquia.

O *Manual de Epicteto* ofereceu a Stockdale um amparo emocional fundamental. Aplicando seus ensinamentos, ele se recusou a se tornar uma vítima das circunstâncias e transformou o sofrimento causado pelas torturas em uma forma de liderança baseada no estoicismo. De maneira direta, ele percebeu que os princípios do estoicismo tinham muito em comum com a disciplina e os costumes que aprendeu durante sua formação militar em Anápolis. A rotina rigorosa, os desafios morais e a pressão constante da Academia o prepararam, em parte, para viver segundo a máxima estoica que valoriza a forma como reagimos aos acontecimentos da vida.

Assim, o *Manual de Epicteto* não foi apenas uma referência para sua sobrevivência no cativeiro, mas também refletiu profundamente os valores que a Academia lhe exigiu desde o primeiro dia até sua formatura. Mais do que um consolo, o manual foi um espelho da sua dignidade, ajudando-o a superar a dor e a resistir durante

toda a sua trajetória.

Nas próximas linhas, se buscará mostrar alguns pontos de conexão entre a formação de Epicteto na transição da vida civil para a militar, representada pela Academia Naval de Anápolis, e o que Stockdale viveu ao aplicar os ensinamentos do *Manual de Epicteto*. Para Stockdale, essa etapa simboliza um segundo momento de transformação, uma verdadeira “reconversão” em sua jornada pessoal.

Partindo do trecho do *O Encheirídion de Epicteto: edição bilingue* (EPICTETO, *Encheirídion*, 1.4), quando afirma : “Então, almejando coisas de tamanha importância, lembra que é preciso que não te empenhes de modo comedido, mas que abandones completamente algumas coisas e, por ora, deixes outras para depois...”, é possível observar nele a ênfase na priorização do que é essencial e o abandono das distrações como um conceito fundamental na filosofia estoica. Stockdale, enquanto aspirante na Academia Naval de Anápolis, mesmo sem ter contato direto com os ensinamentos de Epicteto, aplicou esse princípio em sua rotina acadêmica. Ele percebeu a necessidade de concentrar-se integralmente na formação como líder e no cumprimento dos rigorosos padrões militares, abrindo mão do convívio familiar, de desejos pessoais e de comodidades momentâneas. Vivenciando, assim, na prática, a filosofia de Epicteto, compreendeu a importância da resiliência para enfrentar desafios severos, evitando se deixar influenciar por expectativas pessoais ou distrações externas. Essa postura foi crucial, sobretudo quando Stockdale, já prisioneiro de guerra, continuou a valorizar a sobrevivência e a dignidade. Dessa forma, a filosofia de Epicteto, aliada à experiência adquirida na Academia Naval, permitiu que Stockdale mantivesse o foco no que realmente importava durante períodos de extrema adversidade em cativo, na prisão de Hanói. No capítulo “Subida: escalando as pirâmides da aviação naval”, de seu livro *Thoughts of a Philosophical Fighter Pilot*, Stockdale declara sobre seu processo de formação militar, que demanda exclusividade total e dialoga diretamente com o trecho do *Manual de Epicteto*: “Um homem poderia ingressar em treinamentos militares de vôo acreditando que está entrando numa espécie de escola técnica a céu aberto para aprender um conjunto específico de habilidades. Em vez disso, encontra-se em uma fraternidade que exige sua vida inteira, como se fizesse votos e promettesse sacrificar tudo às suas exigências” (STOCKDALE, 1995, p. 64).

No trecho do *Encheirídion* o filósofo ressalta a importância de refletir antecipadamente quando diz: “Se fores aos banhos, considera o que acontece na sala de

banho: pessoas que espirram água, empurram, insultam, roubam”. (EPICTETO, *Encheirídion*, 4). A principal lição é que toda escolha deve ser feita com base nos princípios que guiam nossa conduta e na disposição para assumir os resultados que dela advêm. Essa orientação tem relação direta com a trajetória de James Stockdale como discente na Academia Naval de Anápolis, onde o prestígio social da carreira militar estava inseparavelmente ligado a rigorosas exigências de disciplina, autocontrole e dedicação total à instituição.

Nesse ambiente formativo exigente, Stockdale enfrentou constantemente desafios que exigiam a renúncia ao conforto e o enfrentamento diário de pressões psicológicas e físicas. A filosofia de Epicteto forneceu-lhe uma base sólida: agir com clareza, manter-se firme diante das dificuldades e não se afastar dos próprios princípios. Durante sua formação, comprometeu-se a servir à pátria com honra, mesmo que isso implicasse risco à própria vida, fazendo um juramento que exigia não apenas coragem, mas também clareza de propósito e fidelidade ética. O estoicismo serviu de fundamento para desenvolver a firmeza de caráter que se mostraria essencial nos anos em que enfrentaria o sofrimento extremo do cativo.

Outra reflexão importante está na metáfora citada a seguir: “em uma viagem marítima, se saíres para fazer provisão de água quando o navio estiver ancorado, poderás também pegar uma conchinha e um peixinho pelo caminho. Mas é preciso que mantendas o pensamento fixo sobre o navio, voltando-te continuamente”, e representam os atrativos que, embora sedutores,

desviam o indivíduo de seu caminho essencial (EPICTETO, *Encheirídion*, 7). Na rotina de Anápolis, essa metáfora se traduz na constante exigência aos seus alunos de manter o foco na formação moral e profissional, resistindo às tentações e desvios que pudessem comprometer valores como disciplina, liderança e senso de dever.

No trecho em que Epicteto , quando afirma: “por exemplo: a morte nada tem de terrível, ou também a Sócrates teria se afigurado assim, mas é a opinião a respeito da morte – de que ela é terrível – que é terrível!” (EPICTETO, *Encheirídion*, 5 a), enfatiza-se que o apego a bens ou posições sociais enfraquece o espírito diante da realidade inevitável do sofrimento. Essa concepção já era, de certa forma, internalizada por Stockdale desde seus primeiros dias na Academia, onde a rotina militar era marcada pelo rigor e pela simbologia do toque diário de alvorada e silêncio, que reiterava a seriedade

do compromisso assumido. A compreensão estoica da impermanência e do sofrimento como parte da vida foi crucial para que ele resistisse às provações do cativo sem se desintegrar emocionalmente.

A filosofia estoica, nesse sentido, moldou em Stockdale uma atitude de aceitação tranquila daquilo que não estava em seu controle, aliada a uma responsabilidade inegociável sobre aquilo que dependia exclusivamente dele: suas ações, sua integridade e sua postura diante do mundo. Enquanto muitos sucumbiram ao desespero, ele permaneceu firme, mas não por frieza ou indiferença, e sim por lucidez ética e preparação interior.

No trecho em que Epicteto reforça que “podes ser invencível se não te engajares em lutas nas quais vencer não depende de ti”. (EPICTETO, *Encheiridion*, 19a), essa prática reflexiva foi constante na experiência de Stockdale, que, em Anápolis, foi desafiado a conhecer seus próprios limites, tanto físicos quanto mentais. Esse processo de autoconhecimento, essencial na tradição estoica, seria fundamental em sua trajetória posterior, especialmente durante o confinamento solitário e sob tortura, quando a consciência de suas forças e fragilidades lhe permitiu preservar a dignidade.

O fragmento 46 das *Diatribes*⁵ que acrescenta uma dimensão pedagógica à filosofia estoica. Epicteto, ao citar seu mestre Rufo: “dos jovens, não é fácil atrair os que são moles, pois não se prende um pedaço de queijo com um anzol. Mas os naturalmente bem constituídos, se tu afastá-los, ainda mais se prendem à razão” (EPICTETO, *Diatribes*, 3.6.9-10), e distingue entre jovens de constituição moral fraca e aqueles que, mesmo sob adversidade, permanecem vinculados à razão. Rufo submetia seus discípulos a provações justamente para separar os que apenas desejavam o conhecimento daqueles verdadeiramente dispostos a vivê-lo. Essa passagem ecoa de maneira contundente no ambiente da Academia Naval, onde só permaneciam aqueles aptos a resistir. Stockdale, desde cedo, revelou-se do tipo que, quanto mais testado, mais se fortalecia na razão, na disciplina e no dever.

Finalmente, o trecho em que Epicteto propõe uma escolha fundamental, como abrir mão das ilusões de prestígio, conforto e aprovação externa em favor da tranquilidade interior (EPICTETO, *Encheiridion*, 12.1), orienta o leitor a buscar liberdade

⁵ Coleção de discursos ou lições do filósofo Epicteto, um dos principais representantes do estoicismo. Essas diatribes são registros de suas aulas e conversas sobre a filosofia estoica.

não nas coisas, mas no autodomínio. Esse caminho foi também o escolhido por Stockdale, tanto em sua formação militar quanto no cativeiro. Em vez de se render ao desespero, à revolta ou ao ódio, optou por preservar sua clareza interior e agir com coerência, mesmo sob condições extremas.

Sua adesão ao estoicismo foi tudo, menos teórica. Stockdale viveu a filosofia na prática, transformando-a em força moral, em critério de ação e em inspiração concreta para os que o rodeavam. A filosofia não apenas o ajudou a suportar a dor, mas consolidou sua liderança, seu caráter e sua compreensão da vida.

Ao revisitar a trajetória de James Stockdale e sua relação com os ensinamentos de Epicteto, não se trata apenas de uma análise histórica ou filosófica. O que se revela é que a formação militar preparou Stockdale para enfrentar os desafios externos, mas foi o estoicismo que lhe deu as ferramentas para sobreviver à guerra com honestidade de propósito.

Mais do que um prisioneiro ou um militar, Stockdale tornou-se símbolo de uma filosofia viva, na qual encontrou no Manual de Epicteto uma âncora moral em tempos de caos.

Ao fechar este capítulo, pode-se inferir de que o estoicismo não pertence apenas às academias. Ele vive na experiência de homes como Stockdale e continua anos lembrar, com simplicidade e firmeza, que nem sempre podemos controlar o que nos acontece, mas sempre podemos decidir quem escolhemos ser diante disso.

3- Filósofos Antigos e Pierre Boudieu

Para apoiar esta pesquisa sobre os processos de conversão, reconversão e sincretismo vivenciados por Stockdale em conexão com as ideias de Epicteto, é essencial refletir sobre a formação dos hábitos humanos como tema tratado tanto pela filosofia antiga quanto pela sociologia contemporânea. Esse assunto ganha relevância especial ao pensarmos naqueles moldados para a guerra. À primeira vista, os hábitos podem parecer meras adaptações, mas envolvem profundas transformações internas, que Stockdale experimentou de maneira singular. Filósofos como Aristóteles e os estoicos concordavam que hábitos virtuosos não nascem naturalmente, mas resultam de uma prática constante e deliberada, sempre orientada pela razão. Essa perspectiva se revela de forma clara inicialmente na formação que Stockdale recebeu na Academia Naval de

Anápolis. Para Aristóteles, a virtude é uma disposição adquirida e fortalecida por meio de ações repetidas que visam a excelência.

Bourdieu, por sua vez, traz uma contribuição essencial ao mostrar que os hábitos se formam ao longo da vida, moldados não apenas por escolhas conscientes, mas principalmente pelas condições sociais e históricas em que o indivíduo está inserido. Para ele, cada pessoa carrega em seu corpo, em seus gestos e atitudes, marcas profundas do mundo que a formou como uma espécie de “cicatriz social” inscrita no modo de ser (BOURDIEU, 1979, p.64.).

Diferentemente dos filósofos antigos, que enfatizavam o esforço racional na construção da virtude, Bourdieu chama a atenção para as forças invisíveis que atuam no dia a dia e que moldam comportamentos sem que percebamos. O habitus, nesse sentido, funciona como uma ponte entre o indivíduo e o meio social ao qual pertence.

É nesse ponto que as instituições tais como as analisadas nesta pesquisa exercem papel decisivo: não só organizam a vida social, mas influenciam diretamente a formação das disposições internas de seus membros.

Ao estabelecer um diálogo entre as reflexões dos filósofos antigos e as análises de Bourdieu, observa-se que, apesar de suas abordagens específicas, ambas se complementam na compreensão da ética pessoal e da reprodução social. Ambas reconhecem que os hábitos são elementos centrais na formação do caráter humano. Os hábitos virtuosos, por sua vez, podem ser entendidos como um habitus ético: um conjunto de práticas incorporadas que resultam tanto da escolha racional quanto da imersão cultural e social. Essa integração atua como um elo invisível que funde razão e cultura, abrindo caminho para uma reflexão mais profunda sobre a origem dos comportamentos virtuosos nos seres humanos. Em síntese, a virtude pode ser vista como o encontro entre a razão e a cultura vivenciada por cada pessoa.

Nas próximas páginas, serão discutidos os hábitos virtuosos no contexto da filosofia grega antiga, com o objetivo de contribuir para uma compreensão mais ampla do comportamento de Stockdale.

3.1– Filósofos Antigos

A busca por um comportamento ético e pela formação de hábitos virtuosos sempre ocupou um lugar de destaque na filosofia grega antiga, especialmente nos pensamentos

de Aristóteles Platão e Epicuro. Cada um, ao seu modo, tentou entender como o ser humano poderia se tornar melhor: mais justo, mais equilibrado, mais consciente das próprias potencialidades e do que existe em volta.

Basta se observar um caso específico, como o de um combatente, e aqui se fala de Stockdale, fica claro que desenvolver esses hábitos exige bem mais do que teoria. Não basta treinar o corpo e a mente de forma técnica. É preciso, acima de tudo, formar o caráter. Virtudes como coragem moral, autocontrole e serenidade não nascem do nada; são construídas com tempo, esforço e, muitas vezes, em meio ao caos. No campo de batalha, onde o medo é real e a pressão constante, é que se vê se tudo aquilo que foi aprendido, de fato, criou raiz.

Para Aristóteles, os hábitos virtuosos não são talentos natos. Eles se constroem pela repetição, pois é aquela prática insistente de fazer o certo, mesmo quando é difícil. No caso da coragem, por exemplo, ela não se resume a não sentir medo. Muito pelo contrário: o corajoso é justamente quem sente o medo, mas não se paralisa. Ele age da forma certa, na hora certa. E isso, convenhamos, só se aprende vivendo, tropeçando, caindo e levantando dia após dia. Segundo Aristóteles, “as virtudes, portanto, não nos vêm pela natureza, nem contra a natureza, mas somos, por natureza, capazes de adquiri-las, e nos completamos nelas por meio do costume. [...] Nós nos tornamos justos ao realizar atos justos, moderados ao praticar a moderação, corajosos ao praticar atos de coragem” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 6).

O verdadeiro guerreiro virtuoso é aquele que, através de muito treino e preparo, aprende a agir com coragem e equilíbrio, mesmo quando está numa situação que faria qualquer pessoa comum, sem esse preparo, agir de forma temerária ou até mesmo covarde. As ações dele não são só impulsos momentâneos; são resultado de uma educação constante, um hábito firme de virtude que foi construído aos poucos, com o tempo.

Como já dizia Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, o desenvolvimento de um caráter virtuoso exige a repetição de boas ações até que estas se tornem hábito (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Livro X, 1). De acordo com *A República*, de Platão, a alma humana é composta por três partes: a racional (*logistikon*), a irascível (*thymoeides*) e a concupiscente (*epithymeikon*), cada uma exercendo uma função distinta. A verdadeira coragem do guerreiro se manifesta quando a parte irascível, ligada às emoções e impulsos, é guiada e dominada pela razão (PLATÃO, *A República*, Livro X, 439d).

Ainda sobre a origem ou formação da virtude, Platão questiona em *Mênon*: “podes dizer-me, Sócrates, se a virtude pode ser ensinada? Ou se não é ensinável, mas adquirida pela prática? Ou se nem pela prática nem pelo ensino, mas se os homens a possuem por natureza ou de algum outro modo?” (PLATÃO, *Mênon*, 70a).

Da citação de Epicuro, se pode conhecer mais pelas ideias sobre prazer, também dava uma atenção especial aos hábitos, principalmente na busca pela tal ataraxia, que é aquele estado de paz e tranquilidade da alma (EPICURO, *Carta a Meneceu*). Para ele, o homem, que se inclui o guerreiro, não é aquele quem sai atrás da confusão, mas quem aprende a separar os desejos que realmente importam daqueles que são só bobagem.

Quando se olha com atenção para as ideias dos filósofos da Grécia Antiga, especialmente pensando no que Stockdale aprendeu com Epicteto, dá para perceber que eles concordam numa coisa importante: o guerreiro virtuoso não nasce com essas qualidades prontas. Ele é forjado por uma disciplina interior que exige prática constante, onde bons hábitos e o uso da razão andam lado a lado. Entre esses filósofos, Aristóteles merece um destaque especial, porque foi ele quem mais desenvolveu uma teoria sobre os hábitos, mostrando que a prática contínua é fundamental para formar um caráter moral firme.

Mais adiante, será tratado sobre a Teoria do Habitus, de Pierre Bourdieu. Na opinião chegada no decorrer da pesquisa, essa teoria pode ajudar a explicar o comportamento de Stockdale, levando em conta tudo que ele viveu e os ambientes sociais pelos quais passou, desde o seu tempo na Academia Naval de Anápolis.

3.2- Pierre Bordieu.

Trabalhando o conceito central da obra de Pierre Bourdieu, o habitus, que também foi utilizado para analisar a trajetória de Stockdale em relação a Epicteto, busca-se compreender como se formam comportamentos, práticas sociais e disposições, bem como a forma como as pessoas percebem e interpretam suas experiências. O habitus está relacionado a um conjunto de posições e valores transmitidos ao longo do tempo, que orientam tanto o comportamento quanto as práticas sociais, chegando a moldar a personalidade do indivíduo diante dos grupos com os quais se relaciona. Essas disposições são incorporadas ao longo da vida e influenciadas por fatores como família, classe social, educação, acesso à cultura e lazer, que são elementos que funcionam como

raízes invisíveis, sustentando e guiando o desenvolvimento pessoal.

Basicamente, o habitus é a maneira como assimilamos, internamente, as condições sociais em que vivemos. Ele atua quase que automaticamente, guiando escolhas e atitudes, muitas vezes sem que percebamos o quanto nossa origem social influencia nosso comportamento. Esse processo pode ser observado claramente na formação de Stockdale, desde seu período como aspirante na Academia Naval de Anápolis, até sua relação posterior com os ensinamentos do Manual de Epicteto.

Para Bourdieu, o habitus é uma ponte entre as estruturas sociais que nos cercam e as ações individuais que tomamos (BOURDIEU, 2009, p.96). Ele oferece uma lente para entender como a vida de cada pessoa é moldada por essas influências, lembrando que o habitus não é algo imutável e ele se transforma à medida que enfrentamos novas situações e desafios. Por isso, mesmo em instituições rígidas, como o ambiente militar, há espaço para adaptação e mudança.

A seguir, trago uma citação direta do texto da pesquisadora Maria da Graça Jacintho Setton, que aborda de forma clara o pensamento de Bourdieu sobre o conceito de habitus:

Concebo o conceito de habitus como um instrumento conceptual que me auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Trata-se de um conceito que, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. Habitus não é destino. Habitus é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. Habitus como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controvertida, creio que a teoria do habitus me habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo (SETTON, 2002, p. 61).

A Teoria do Habitus, de Pierre Bourdieu, é uma ferramenta valiosa para entendermos como nossos comportamentos e práticas sociais são moldados por disposições que vêm da nossa história, cultura e contexto social. Isso é especialmente relevante para quem, como Stockdale, foi preparado para enfrentar situações extremas, como a guerra.

Bourdieu explica que o habitus reúne um conjunto de valores e posturas que nos acompanham ao longo da vida, moldando a forma como entendemos o mundo e agimos nele. Essas disposições nascem das experiências que vivemos e das condições sociais em que estamos inseridos. No caso de Stockdale, sua vivência como prisioneiro de guerra durante o Vietnã o colocou diante de um cenário duro, repleto de sofrimento e incertezas,

o que certamente acelerou mudanças profundas em seu modo de ser.

A filosofia estoica, conforme ensinada por Epicteto, enfatiza a aceitação do que não podemos controlar e a busca pela virtude e resiliência diante das dificuldades. Essa mensagem encontrou ressonância em Stockdale, que adotou esses princípios para reorganizar suas respostas emocionais e fortalecer sua identidade.

Assim, a transformação de Stockdale pode ser vista como uma mudança gradual em seu habitus, um processo de reconstrução interna que lhe permitiu enfrentar o sofrimento com dignidade e propósito. Mais do que uma simples estratégia de sobrevivência, essa “autonomia moral” foi um recurso fundamental para preservar sua sanidade e seu caráter.

Dessa forma, a relação entre a Teoria do Habitus e a experiência de Stockdale mostra como a internalização de valores filosóficos pode modificar hábitos e atitudes em situações extremas. Isso evidencia a incrível capacidade humana de se adaptar e reinventar diante dos desafios.

Baseando-se nas premissas apresentadas, se pode concluir que a jornada de Stockdale revela que a virtude não nasce pronta, mas é construída racional e culturalmente. A filosofia de Epicteto lhe deu força interior; a formação militar, disciplina prática. Bourdieu nos ajuda a entender como esses valores se enraizaram em seu comportamento. Sua história mostra que, mesmo diante do sofrimento extremo, é possível agir dignamente. Virtude, nesse caso, é aquilo que se pratica até se tornar parte de quem se é, passando a identificar uma pessoa de acordo como se comporta.

Na sequência, serão abordadas as etapas da conversão, reconversão e sincretismo vivenciados por Stockdale em sua relação com o estoicismo de Epicteto.

4 – O processo de conversão, reconversão e sincretismo

4.1. Conceitos preliminares

Conversão é um termo carregado de significados e nuances, que se desdobra em múltiplas direções conforme o contexto em que é aplicado. De forma geral, o dicionário a define como a mudança de estado, condição ou crença, sendo uma transição que, muitas vezes, ultrapassa o plano objetivo e se instala no terreno subjetivo da experiência humana. No campo religioso, por exemplo, a conversão é compreendida como uma transformação interior profunda, em que a alma, tocada por uma verdade

transcendente, se volta para aquilo que entende ser Deus. Tanto na tradição católica quanto na protestante, trata-se de um recomeço espiritual que traz consigo um imperativo ético: a renovação moral. Ratificando estão as definições seguintes: “Conversão moral: mudança existencial em que o indivíduo adota novos padrões morais por meio de transformação interna: um evento consciente e crítico. Segundo Kohlberg, existem seis níveis de conversão moral, do pré-convencional ao pós-convencional/autônomo. Bernard Lonergan diferencia três tipos de conversão — moral, intelectual e religiosa — onde moral é a transição do egoísmo para valores de responsabilidade transcendental” (WIKIPEDIA, 2025, [s.p.]); e “A conversão em filosofia é um ato pessoal de profunda mudança de visão sobre si mesmo e o mundo — semelhante à conversão religiosa, mas distinta. Filósofos como Platão (com *periagogé* — *περιαγωγή* — (PLATÃO *República*, livro VII, 518d), Plotino, Henri Bergson e Gabriel Liiceanu exploram esse conceito. Liiceanu destaca a conversão filosófica como uma ruptura no olhar e no modo de falar, comparando-a simbolicamente à conversão de Paulo — uma mudança radical de linguagem e percepção (WIKIPÉDIA, 2025).

Sob outra perspectiva, a da psicologia, a conversão é vista como um ponto de inflexão: um momento, geralmente impulsionado por uma experiência marcante, que altera a forma como o sujeito enxerga a si mesmo e o mundo. Aqui, o foco está menos na dimensão sagrada e mais na reorganização interna, nos caminhos que levam ao crescimento pessoal ou à reconstrução identitária. Esse olhar se aproxima da abordagem adotada neste trabalho, que entende a conversão como um processo dinâmico de mudança diante de desafios existenciais.

De acordo com o *Psychology Dictionary*, “o significado do conceito de conversão para a psicologia social é a mudança real nas crenças, atitudes ou comportamentos de um indivíduo devido à influência social. Difere da conformidade superficial (*compliance*), pois ocorre quando a pessoa é convencida internamente, e também é chamado de aceitação privada” (PSYCHOLOGY DICTIONARY, 2025, [s.p.]).

Um exemplo concreto e expressivo desse tipo de mudança pode ser observado na trajetória de James Stockdale. Ao deixar a vida civil e ingressar como aspirante na

Marinha dos Estados Unidos, ele não apenas muda de ambiente, mas inicia um processo de transformação pessoal que envolve disciplina, ruptura com antigas referências e a construção de um novo ethos. No entanto, essa conversão inicial não encerra seu ciclo de mudanças.

Em um segundo momento e talvez ainda mais significativo em que, Stockdale se depara com o *Manual de Epicteto*. A leitura desse texto estoico não é meramente acadêmica ou teórica: ela desencadeia uma reconversão filosófica. O que antes era intuição ou experiência fragmentada, agora se organiza em torno de princípios claros, que passam a orientar sua conduta e sua visão de mundo. Trata-se de uma verdadeira mudança de paradigma, que ressignifica vivências anteriores, especialmente aquelas da época de formação na Academia Naval de Anápolis. O contato com Epicteto opera como um espelho moral que legitima, racionaliza e fortalece escolhas que, até então, talvez estivessem apenas implícitas.

É importante lembrar que o conceito de conversão tem raízes antigas e já foi amplamente usado para indicar mudanças de religião, de identidade, ou até mesmo de unidades de medida e sempre apontando para um deslocamento que rompe com o passado e inaugura uma nova etapa. Em qualquer uma dessas acepções, a conversão carrega consigo um gesto de ruptura e, ao mesmo tempo, de abertura. Ela exige deixar algo para trás e, em contrapartida, acolher algo novo, com todas as tensões e aprendizados que esse processo impõe.

No livro *Pensamentos Filosóficos de um Piloto de Caça*, há um trecho particularmente expressivo sobre esse tema. Ali se descreve, com sensibilidade, o que acontece nos primeiros dias de um cadete ou aspirante dentro da Academia Naval: uma experiência de pressão intensa, quase sempre vivida como um batismo de fogo. É uma fase em que não há espaço para hesitações. Ou se cresce rapidamente, adaptando-se à dureza do ambiente, ou se é engolido por ele. Essa fusão entre exigência externa e reconstrução interna também marcou a jornada de Stockdale. Sua conversão, tanto militar quanto filosófica, foi sendo moldada sob o calor dessa forja, e compreender esse processo é essencial para compreender o homem que ele se tornou.

A mais alta alquimia mirada não é no simples mudar físico, mas na

transformação moral e espiritual. O cadinho e a retorta tornaram-se símbolos de crescimento criativo. O fogo e os elementos gêmeos enxofre e mercúrio passaram a representar as pressões externas exercidas sobre o humano alma em isso é confinado lugar. Em casos extremos, o fogo poder ser de origem infernal. Mas se a alma em questão fosse forte o suficiente, não apenas passiva matéria, que espírito poder submeter-se a um alquímico mudar uma metamorfose de o espírito em qual o ordinário coisas de humanidade poderia vez em algo precioso, emergente como se de um casulo hermeticamente fechado (STOCKDALE, 1995, p. 3).

Reconversão é um termo que designa o processo de mudança ou o retorno a uma condição anterior, muitas vezes associado a aspectos sociais, culturais e econômicos. De acordo com alguns autores, essa transformação ocorre após um período de mudanças, quando há a necessidade de readequar ou restaurar práticas antigas para que se ajustem às novas realidades. Em outras palavras, a reconversão envolve uma dinâmica de resistência e adaptação, buscando um equilíbrio entre o que é tradicional e o que é novo. Segundo o dicionário Merriam-Webster, “reconversão (substantivo): um segundo ou novo ato de conversão, especialmente: conversão de volta a um estado anterior” (MERRIAM-WEBSTER, 2025, [s.p.]). (*tradução nossa*)

No caso de James Stockdale, por exemplo, o processo de conversão começou nos primeiros momentos em que deixou a vida civil para ingressar na Academia Naval de Anápolis. Essa transição exigiu não apenas uma mudança externa, mas uma profunda transformação interna, com a adoção de novos valores e regras de conduta, muitos deles estoicos. Ingressar na carreira militar sempre foi, e provavelmente sempre será, uma questão de sobrevivência — tanto individual quanto coletiva. É o que Stockdale reflete no livro *Coragem sob Fogo*, quando menciona a fórmula dos estoicos romanos: *Vivere Militare!* — “Viver é ser soldado!”. Epicteto, em suas *Diatribes*, lembra que a vida é um serviço militar, onde cada um tem sua responsabilidade e que negligenciá-la pode comprometer todo o grupo. No entanto, a reconversão vai além de uma simples troca de valores ou hábitos. Trata-se de um processo complexo de adaptação, que reflete tanto as mudanças como as permanências em uma pessoa ou comunidade. Pode acontecer em níveis variados como: psicológicos, sociais, culturais e sempre busca reorganizar o entendimento sobre si mesmo e o mundo. Por isso, entender a reconversão é fundamental para compreender como indivíduos e grupos enfrentam transformações, tentando preservar suas raízes enquanto se adaptam a novos contextos.

Um exemplo claro desse processo de reconversão, aparece quando Stockdale, já aos trinta e oito anos, começa seus estudos filosóficos na Universidade de Stanford, sob a orientação do professor Philip Rhinelander. O encontro entre eles acontece porque ambos serviram na Marinha, e logo Rhinelander percebe o interesse de Stockdale pelo pensamento de Epicteto. Para ajudá-lo, oferece o *Encheiridion* como um manual prático dos ensinamentos do filósofo estoico. A leitura desse livro não foi um mero exercício acadêmico; ela desencadeou uma reconversão filosófica profunda em Stockdale, dando forma e sentido a experiência dele em Anápolis..

Já o sincretismo, por sua vez, é um fenômeno pelo qual diferentes culturas, religiões ou ideias se combinam, cria algo novo que reúne elementos de ambas as fontes. O sincretismo funciona como um mecanismo de resistência, permitindo que grupos mantenham suas identidades.

No âmbito psicológico, o sincretismo pode ser visto como a integração de diferentes aspectos internos, ajudando o indivíduo a lidar com conflitos e construir uma visão mais ampla do mundo. Foi justamente isso que ocorreu com Stockdale, que, ao combinar suas experiências na Academia Naval com os ensinamentos de Epicteto, conseguiu enfrentar de forma mais equilibrada os desafios de seu encarceramento em Hanói. Confirmando o conceito de sincretismo, segundo o *Psychology Dictionary*, trata-se da “integração de elementos de dois ou mais sistemas, teorias ou conceitos em um novo sistema, teoria ou conceito. O termo é principalmente aplicado a sistemas nos quais culturas, crenças ou doutrinas que podem parecer incompatíveis são, ainda assim, combinadas” (PSYCHOLOGY DICTIONARY, 2025, [s.p.]). Já o site *Vocabulary.com* define sincretismo como “uma união ou tentativa de fusão de diferentes religiões, culturas ou filosofias” (VOCABULARY.COM, 2025, [s.p.]).

Em suma, tanto a reconversão quanto o sincretismo revelam a capacidade humana de se transformar, adaptar e integrar elementos diversos para construir sentido e identidade. No caso de Stockdale, esses processos foram essenciais para a formação do homem e do líder que ele se tornou. Nas próximas páginas, abordaremos com mais detalhes como esse desenvolvimento aconteceu por meio do contato de Stockdale com as ideias de Epicteto. Concluindo o processo de conversão, reconversão e sincretismo, de acordo com a estruturação abaixo:

A primeira premissa, que trata da conversão é um processo complexo que vai além da simples mudança externa, representando uma profunda transformação interior que seja religiosa, filosófica ou psicológica como que altera a percepção de si e do mundo; a segunda premissa, sobre a reconversão surge como um movimento de adaptação e reorganização, que busca equilibrar tradições antigas com novas realidades, refletindo tanto permanências quanto mudanças no indivíduo ou grupo; a terceira premissa, pertinente ao sincretismo demonstra a capacidade humana de integrar elementos distintos, culturais ou internos, criando novas sínteses que fortalecem a identidade e facilitam a adaptação diante de desafios; e finalmente a conclusão, que desses processos de conversão, reconversão e sincretismo, que são fundamentais para entender a transformação humana em sua dimensão moral, espiritual e existencial. No caso de James Stockdale, essa dinâmica foi essencial para a construção de sua identidade e liderança, revelando como a integração de experiências e valores pode forjar um caráter resiliente e integrado diante das adversidades.

4.2 – O processo de Conversão de Stockdale em Epicteto

Rematando a história de Stockdale, sua transformação inconsciente em Epicteto começa logo depois que ele deixa a vida civil para virar aspirante na Academia Naval de Anápolis. A segunda grande mudança, que é a “reconversão”, só acontece mais tarde, na Universidade de Stanford, quando ele conhece o professor Phill e tem contato com o Manual de Epicteto, que acaba se tornando seu guia filosófico de verdade. Essa fase não foi só sobre sobreviver fisicamente, mas uma virada profunda na forma como ele pensava e encarava a vida.

Stockdale aprendeu a aceitar a situação difícil, a preservar sua dignidade e a resistir à desesperança, usando a filosofia estoica quase como uma armadura mental. Com esses ensinamentos, ele transformou o sofrimento em uma chance de crescer como pessoa.

Já o sincretismo aparece bem claro no tempo e experiências que passou em Hanói. Lá, a convivência com outros prisioneiros e a mistura de diferentes ensinamentos tais como o estoicismo, que com as duras realidades do cativo criaram uma cultura de força e resistência coletiva. Essa união de ideias é como um rio formado pela junção de vários afluentes, que ganha força e resistência.

Essa mistura ajudou os presos ao suportar o sofrimento e deixou um legado de resistência que vai além da experiência de cada um (STOCKDALE, 2024, p. 34).

Para ilustrar, o termo sincretismo, segundo a Wikipédia, significa a integração de tradições religiosas, culturais ou ideias diferentes. Vem do grego *synkretismós*, que falava da aliança dos povos de Creta contra inimigos comuns e sendo uma ilha cheia de história e mitos. Por isso, o conceito carrega uma ligação forte com cultura e passado.

No caso de Stockdale, esse sincretismo mostra como ele e os outros prisioneiros conseguiram juntar experiências e ensinamentos pra encontrar sentido mesmo nos momentos mais difíceis. A história dele vai muito além de um relato de sobrevivência; é um testemunho da força do espírito humano e do poder transformador que ele pode ter.

Resumindo: a premissa um, descreve a primeira grande transformação de Stockdale acontece de forma inconsciente do momento em que ele deixa a vida civil e ingressa como aspirante na Academia Naval de Anápolis. É ali que se inicia sua conversão inicial: um processo silencioso, mas profundo, de mudança interna, marcado pela disciplina e pela construção de um novo ethos. A Premissa dois, traduz a reconversão que ocorre anos depois, já em Stanford, quando Stockdale entra em contato direto com a filosofia de Epicteto. A leitura do *Manual* não apenas organiza suas experiências passadas, mas dá nome, forma e sentido àquilo que ele já intuía. Como conclusão, é que no cativo, surge o sincretismo: a fusão entre os ensinamentos estoicos, as vivências militares e a convivência com os demais prisioneiros. Essa combinação gerou uma cultura compartilhada de resiliência, quase como um ethos coletivo, que transformou sofrimento em solidariedade e desespero em sentido. A trajetória de Stockdale revela, assim, não apenas um processo pessoal de conversão e reconversão, mas um testemunho vivo de como a força do pensamento, quando enraizada na experiência, pode se tornar fonte de dignidade, resistência e transformação.

Nas próximas linhas, vamos olhar mais de perto a relação de Stockdale com a Academia Naval de Anápolis, que foi a base para as ideias inspiradas em Epicteto que ele desenvolveu.

5– A Academia Naval de Anápolis e a Herança Espartana

5.1 – A Herança Espartana

Para mencionar o entendimento pessoal sobre a relação da formação acadêmica militar

com a descrição da sociedade espartana. Quando se tem a oportunidade de folhear, sem muito propósito, uma edição antiga da *Vida de Licurgo*, de Plutarco, como fiz em uma das visitas à Biblioteca Nacional, na Cinelândia – Rio de Janeiro, se acaba tendo uma leitura surpreendente, e que revela uma admirável organização severa e, bem estruturada sociedade espartana; por outro, para muitas outras pessoas, aquela mesma organização que beirava o desumano, quase como se o indivíduo não tivesse direito nem a existir fora do coletivo e sacrificar a própria vida em prol de uma comunidade. Pressfield escreve que “Para que ninguém tivesse a justificativa de se sentir superior a outro, Licurgo dividiu o território em 9.000 áreas idênticas. Cada família recebeu uma área. Além disso, decretou que os homens não seriam mais chamados de “cidadãos”, mas de “pares” ou “iguais. (PRESSFIELD, 2020, p.56).

Xenofonte, por exemplo, em *A Constituição dos Lacedemônios*, mostra como os espartanos tinham uma disciplina dura, que não era só castigo por castigo, mas uma forma de ensinar respeito e autocontrole desde cedo como algo fundamental para quem vai encarar o rigor da vida militar. (CERDAS; CHICHURRA, 2021).

Já Marco Aurélio, no seu texto *Meditações*, usa a metáfora da vida como uma guerra constante. Ele fala muito sobre coragem, mas não aquela bravura cega e sim a coragem de manter a cabeça no lugar, de obedecer à razão mesmo quando o cenário é difícil. Em um momento, ele nos chama para atentar para a resiliência e ao autocontrole, e isso bate forte com a ideia de responsabilidade que o militar carrega. (AURÉLIO, *Meditações*, VII, 28).

E não dá para esquecer Sócrates, que apesar de não ser estoico, também mexeu com esses temas. No diálogo *Laches* (Martin Claret, 2005), ele bate um papo com generais sobre o que é coragem de verdade, argumentando que não é só enfrentar perigo, mas sim ter sabedoria e autocontrole. Isso mostra que para ele, um bom soldado não é impetuoso. (PLATÃO, *Laches*, 190e).

Nancy Sherman, que traz uma visão mais moderna em *Stoic Warriors*, mostra que os ensinamentos dos estoicos ainda estão vivos nas academias militares atuais, onde o foco não é só força física, mas também resistência emocional, disciplina interior e a capacidade de lidar com o medo e a dor, sempre mantendo a camaradagem. (SHERMAN, 2005).

Esses pensadores formaram uma base sólida, que atravessa séculos, mostrando que a coragem, a disciplina, a moderação e a obediência não são só regras, mas valores que moldam o caráter de quem vive a vida militar, que é um valioso legado que segue firme até os dias de hoje.

5.2 – A Rotina

Desde sua fundação em 1845, a Academia Naval de Anápolis tem sido um símbolo de excelência, virtude e honra na formação de seus alunos. Um dos lemas mais conhecidos da instituição, “Honra, Coragem e Compromisso”, citado no *Catálogo da Academia Naval dos Estados Unidos* (2010–2011), expressa claramente os princípios que a Academia cultua. (USNA, 2010).

Desde o início, a instituição busca não apenas transmitir conhecimentos técnicos e militares, mas também cultivar valores essenciais que moldam o caráter dos seus estudantes. A tradição da virtude é um pilar fundamental, incentivando-os a desenvolver honestidade, responsabilidade, respeito e dedicação em todas as suas ações. Esses valores são a base para formar oficiais confiáveis, capazes de liderar com integridade e coragem.

A honra é entendida como um compromisso constante com a verdade e a dignidade, que deve ser mantido em qualquer circunstância. Desde os primeiros dias na Academia, os estudantes aprendem que a verdadeira honra não se conquista apenas com títulos ou posições, mas com atitudes diárias pautadas pela ética e pelo respeito ao próximo. A disciplina rigorosa e o espírito de camaradagem reforçam essa tradição, criando um ambiente onde o valor do esforço e da lealdade está sempre presente.

Ao longo dos anos, essa cultura de virtude e honra tem sido passada de geração em geração, formando oficiais que servem com orgulho às suas famílias, à sociedade e à pátria. A Academia Naval de Anápolis mantém viva sua história de dedicação e integridade, formando homens e mulheres que carregam consigo o verdadeiro significado de virtude e honra, que são valores eternos e essenciais na missão de proteger e servir. Não há, em hipótese alguma, abertura para desrespeitar o Código de Honra, que deve ser seguido por todos os aspirantes, sem exceção.

No Livro Azul e Dourado da Academia Naval de Anápolis, *Alma Mater* de Stockdale, onde estão expressos os valores, a honra e as virtudes que fazem parte da cultura da instituição desde a sua fundação, refletindo o compromisso da Marinha Americana com a formação de líderes íntegros e dedicados, de acordo com citação abaixo:

Expressa com clareza de propósito única, na sua missão: “Desenvolver aspirantes moral, mental e fisicamente e imbuí-los dos mais elevados ideais de dever, honra e lealdade, a fim de formar líderes dedicados a uma carreira de serviço naval e com potencial para desenvolvimento futuro de mente e caráter, a fim de assumir as mais altas responsabilidades de comando, cidadania e governo.”. Onde afirma que a sua missão constitui a base de tudo o que é feito na Academia, que também incentiva um senso de espírito e orgulho encontrado em poucas outras escolas. O seu Programa, consta: desenvolver aspirantes moral, mental e fisicamente contribui para a formação de oficiais navais excepcionais, com competência, caráter e compaixão — homens e mulheres privilegiados por liderar marinheiros e fuzileiros navais que também se voluntariaram para servir ao nosso país.

No que tange ao Desenvolvimento Moral, é um elemento fundamental de todos os aspectos da experiência na Academia Naval. Como futuros oficiais da Marinha ou do Corpo de Fuzileiros Navais, os aspirantes em breve serão responsáveis pelas vidas inestimáveis de jovens marinheiros e fuzileiros navais e por equipamentos multimilionários. Do Verão de Formação de Plebeus até a formatura, o programa de Desenvolvimento de Oficiais da Academia Naval é um programa integrado de quatro anos que se concentra nos atributos de integridade, honra e respeito mútuo. (USNA, 2010, p. 3).

A Academia Naval de Anápolis teve papel fundamental na formação moral e ética de James Stockdale, especialmente no que se refere aos valores de honra, dever e resiliência. A disciplina rigorosa e os princípios que lhe foram ensinados ali ajudaram a moldar sua visão de mundo e a maneira como enfrentava momentos difíceis. Stockdale, que se destacou como comandante aeronaval e foi prisioneiro em Hanói durante a guerra, sempre refletiu sobre os ensinamentos de Epicteto, um dos grandes filósofos estoicos da Antiguidade.

O *Manual de Epicteto*, que ressalta a importância da autodisciplina, da aceitação das circunstâncias e da determinação moral, ressoou profundamente com Stockdale, especialmente durante seus anos de cativo. A conexão entre a formação na Academia Naval e os princípios estoicos de Epicteto pode ser vista na maneira como Stockdale enfrentou a adversidade. Ele aplicou os conceitos de controle sobre suas reações e emoções, mantendo um forte senso de honra e responsabilidade, tanto para consigo mesmo quanto para os outros, mesmo em situações extremas. Essa integração de valores éticos com a filosofia estoica foi como uma armadura invisível que não apenas o ajudou a sobreviver fisicamente, mas também a preservar sua dignidade e moralidade.

Assim sendo, o impacto da Academia Naval de Anápolis na vida de Stockdale foi significativo, pois forneceu a base que ele precisaria para aplicar os ensinamentos de Epicteto e enfrentar os desafios de sua vida de maneira virtuosa e resiliente. Essa combinação de formação militar e filosofia estoica tornou-se essencial na construção de sua identidade e na forma como ele se relacionou com o conceito de honra ao longo de

sua vida.

Ainda no Livro Azul e Dourado da Academia Naval de Anápolis, constam dois tópicos sobre a “Vida com Honra” e o “Conceito de Honra”, que são incorporados na rotina diária dos Aspirantes (Alunos), conforme abaixo citadas:

Vivendo com Honra Para enfatizar seu compromisso com uma vida de honra, os aspirantes desenvolveram e implementaram um documento vivo conhecido como Tratado de Honra da Brigada de Aspirantes. O Tratado é uma declaração positiva e inspiradora, expressa diretamente pelos aspirantes, que expressam quem são e o que buscam alcançar. Ele estabelece os objetivos e ideais comuns que os aspirantes almejam para si na Academia Naval, bem como na Frota. O Conceito de Honra e o Tratado de Honra são a maneira da Brigada preparar os aspirantes para uma vida de serviço honroso ao seu país. O Conceito de Honra Os aspirantes são pessoas íntegras: eles defendem o que é certo. Eles dizem a verdade e garantem que a verdade seja conhecida. Eles não mentem. Eles defendem a justiça em todas as ações. Eles garantem que o trabalho submetido como seu seja de sua responsabilidade, e que a assistência recebida de qualquer fonte seja autorizada e devidamente documentada. Eles não trapaceiam. Eles respeitam a propriedade dos outros e garantem que outros possam se beneficiar do uso de suas propriedades. Eles não roubam. (USNA, 2010, p. 12).

A Academia Naval de Anápolis, no decorrer de toda a sua rigorosa formação acadêmica e militar, ratifica o seu compromisso com a formação moral e ética de seus Aspirantes. James Stockdale, teve sua formação profundamente influenciada por essa academia. Ao entrar na Academia Naval, Stockdale foi imerso em um ambiente que enfatizava os valores de honra, dever e resiliência, seria como um forjamento intenso onde o metal bruto é transformado em uma lâmina afiada, pronta para os desafios da liderança militar.

O conceito de honra, fundamental na formação de Stockdale, significa agir com integridade e honestidade, mesmo sob grande pressão. Na Academia Naval, os Aspirantes aprendem desde cedo a importância de manter a palavra e agir com ética, preparando-se para enfrentar desafios com dignidade. Para Stockdale, essa ênfase na honra foi decisiva durante sua captura como prisioneiro de guerra no Vietnã, quando precisou se apoiar nesses princípios para resistir às torturas e preservar sua moral. Vale refletir que essa insistência na integridade e na ética não deve ser vista como um valor abstrato, mas como uma necessidade vital, uma forma de resistência humana diante da brutalidade, como ele mesmo exemplificou.

Além da honra, o dever é outro valor essencial transmitido em Anápolis. Stockdale compreendeu que o dever vai além das responsabilidades pessoais; é o

compromisso com a missão e o cuidado com seus companheiros. Essa noção do dever moldou sua vida, influenciando não só sua carreira militar, mas também sua habilidade de liderar e inspirar aqueles ao seu redor, mesmo nos momentos mais difíceis.

Por fim, a resiliência é uma qualidade valorizada em toda a Academia Naval e que se revelou crucial para Stockdale.

Os Aspirantes são treinados para se adaptarem e superarem adversidades. No caso de Stockdale, essa resiliência foi testada ao extremo durante anos de cativo. A formação que recebeu em Anápolis o preparou para enfrentar essa realidade brutal, permitindo-lhe encontrar força interior em momentos de desespero.

Em poucas palavras, a Academia Naval de Anápolis desempenhou um papel vital na formação de James Stockdale, não apenas como militar, mas como um ser humano íntegro, guiado por princípios sólidos. Onde, os valores de honra, dever e resiliência moldaram sua perspectiva e suas ações, especialmente em situações extremas, como a experiência de ser prisioneiro de guerra. A educação recebida em Anápolis não apenas o preparou para a batalha, mas também o transformou em um líder admirado e respeitado.

No Catálogo da Academia Naval dos Estados Unidos (2010-2011), reafirmam-se os valores adotados desde a fundação da Academia Naval de Anápolis, destacando a permanente preocupação com os princípios morais que são ensinados e cobrados diuturnamente, por meio de diferentes práticas, ferramentas didáticas e formas. Essas incluem a instrução de disciplinas relacionadas à ética e às virtudes, constantes no currículo do curso de Aspirante; a participação em treinamentos e simulações que testam intensivamente a capacidade dos discentes de tomar decisões sob extrema pressão, sempre alinhados com princípios éticos; a demonstração constante e ininterrupta de exemplos de comportamento e liderança por parte de Oficiais, Instrutores e Aspirantes de turmas mais avançadas, que trabalham juntos para elevar os princípios morais; e o incentivo da Instituição de Ensino na promoção e também no fortalecimento de uma cultura de honra, integridade e responsabilidade, estimulando os Aspirantes a manterem o mesmo padrão de princípios éticos e virtudes em suas vidas pessoais e profissionais, que servem como um farol constante que guia os navegantes na escuridão, orientando-os a seguir o rumo da honra e da integridade.

Também é importante lembrar o impacto das aulas que os discentes recebem

desde o início na Academia Naval. Esses ensinamentos são fundamentais para desenvolver e fortalecer a camaradagem entre eles.

Entre as atividades ministradas em Anápolis, destacam-se: treinamentos em equipe que exercitam a liderança e ajudam no conhecimento mútuo; atividades físicas e simulações de combate, essenciais para criar confiança entre os membros da turma; participação em cerimônias e tradições que promovem o senso de pertencimento e valorizam a herança histórica; mentoria, onde alunos veteranos auxiliam os novatos na adaptação e desenvolvimento; e desafios físicos que estimulam o espírito de superação e fortalecem os laços necessários para enfrentar juntos os obstáculos da carreira militar.

Parte da cultura ética vivenciada pelos cadetes de West Point e pelos aspirantes da Academia Naval de Anápolis tem raízes na influência de Thomas Jefferson. Ele valorizava muito o processo de formação dos militares e estudou os estoicos, especialmente os ensinamentos de Epicteto, tema que será abordado nas próximas linhas.

5.3 - Thomas Jefferson e sua influência estoica

Thomas Jefferson, uma figura histórica controversa por sua ligação com o escravismo, é também conhecido pela famosa frase “todos os homens são criados iguais”, presente na Declaração de Independência dos Estados Unidos, em 1776, segundo a *Encyclopaedia Britannica* (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2025). Ele idealizou Anápolis. O Arquivo Nacional dos Estados Unidos publicou eletronicamente uma carta de Jefferson para William Short, datada de 31 de outubro de 1819, na qual ele afirma que as leis para governar são inspiradas nos ensinamentos de Epicteto e Epicuro, complementadas pelos deveres e pela caridade ensinados por Jesus. Isso demonstra a importância que Jefferson atribuía à filosofia estoica, que fundamenta esta pesquisa (NATIONAL ARCHIVES, 1819). A *Stanford Encyclopedia of Philosophy* destaca que a filosofia política e a visão educacional de Jefferson foram fortemente influenciadas por filósofos antigos como Epicteto, Marco Aurélio e Cícero. Nesse sentido, é importante lembrar que Jefferson fundou a Academia Militar de West Point em 1802, e que a criação da Academia Naval de Anápolis, posteriormente, alinou-se aos valores adotados pelos cadetes do xército, que foram replicados para os aspirantes da Marinha Americana (STANFORD

ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY,2025).

Embora o “Código de Honra” não tenha sido escrito na fundação de West Point, os valores de dever, honra e patriotismo não só caracterizam essa academia, e serem éticos. A fundação da Academia Militar dos EUA tem no desenvolvimento do caráter seu principal objetivo, formando líderes de caráter exemplar. No trecho abaixo, fica clara a criação da Academia Militar de West Point, em 1802, que influenciou diretamente a fundação posterior da Academia Naval de Anápolis, conforme citado pelo Exército dos EUA: “Academia Militar dos Estados Unidos (USMA), foi fundada pelo presidente Thomas Jefferson. A USMA tem constantemente mantido sua missão de educar , treinar e inspirar cadetes se tornarem líderes de caráter, preparados para servir seu país com honra e distinção” (USARMY, s.d.).

Na passagem que segue, uma publicação eletrônica intitulada *Origens da Academia Naval* faz importante menção à participação de Thomas Jefferson e suas ideias no processo de criação da Academia Naval de Anápolis:

Academia Naval dos EUA foi inaugurada, 1845. Em 10 de outubro, comemoramos a abertura da Academia Naval dos Estados Unidos em Annapolis, Maryland. A Marinha dos EUA. A Academia Naval dos Estados Unidos em Annapolis é o campo de treinamento para os oficiais da Marinha dos Estados Unidos e do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. A ideia de uma academia naval dedicada nos Estados Unidos foi proposta pela primeira vez por Thomas Jefferson em 1801, mas não foi até 1845 que a Academia Naval dos EUA foi oficialmente estabelecida. Em 10 de outubro de 1845, o Secretário da Marinha George Bancroft (que mais tarde se tornaria o Secretário da Marinha sob o presidente James K. Polk) emitiu ordens para estabelecer a Escola Naval dos Estados Unidos em Annapolis, Maryland, na propriedade, duvidosamente, do antigo posto do Exército dos EUA, Fort Seven. (U.S. Naval Academy Opens, 1845, [s.l.]). As influências do estoicismo sobre Thomas Jefferson merecem ser aprofundadas em artigos acadêmicos e livros, pois mostram o quanto esse pensamento foi fundamental para entender a ética na formação de combatentes. Jefferson admirava a racionalidade e os valores éticos dos estoicos, que moldaram sua visão de moralidade e governança. Além disso, acreditava que a educação deveria cultivar e promover virtudes republicanas, como honra, coragem e compromisso como princípios essenciais durante a formação dos aspirantes. Esses valores estão incorporados na preparação dos homens e mulheres do mar, refletindo a ideia de Jefferson de um sistema educacional comprometido com o bem comum e a responsabilidade cívica. No trecho a seguir, são mencionadas importantes personalidades históricas que, assim como Jefferson, foram marcadas pela influência do estoicismo, de acordo com matéria das *Reflexões Estoicas* seguinte: “Foi praticado por reis, presidentes, artistas, escritores e empresários. Marco Aurélio, Montaigne, George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt, Adam Smith — só para citar alguns — foram todos

influenciados pela filosofia estoica” (REFLEXÕES ESTOICAS, [s.d.]).

Thomas Jefferson teve a ideia de criar a Academia Naval, mas essa instituição só foi fundada muitos anos depois, já quando ele não estava mais no governo. Para Jefferson, formar oficiais militares não deveria ser apenas uma questão de ensinar técnicas ou práticas; era preciso também fortalecer valores morais e éticos, mostrando uma visão mais avançada sobre o papel da educação. Assim sendo, ele seguia pensamentos de filósofos antigos como Epicteto, Marco Aurélio e Cícero, além dos ensinamentos de Jesus, acreditava que a formação dos militares deveria ser tanto prática quanto científica, e que a Academia Naval devia preparar líderes que não fossem apenas competentes tecnicamente, mas também pessoas de caráter.

Apesar de toda essa preocupação e visão de Jefferson, ele sabia que a criação da Academia Naval, era algo urgente e necessário, mas infelizmente isso não aconteceu durante seu governo, mas manteve o interesse compartilhado com Adams nos seus anos de aposentadoria, e ele conseguiu fundar West Point.

A influência moral de Jefferson também aparece na forma como a academia é comandada hoje. Ela dá bastante importância à participação dos cadetes na manutenção dos valores éticos e da disciplina, criando uma cultura onde cada um é responsável pelo próprio comportamento e pelo grupo. Isso reflete a ideia que Jefferson tinha de uma sociedade em que as pessoas aprendem a se governar com virtude e sabedoria. Esse pensamento está bem presente no Código de Honra e no Sistema de Honra dos Cadetes de West Point, abaixo citado:

Código de Honra e Sistema de Honra dos Cadetes: "Um cadete não mentirá, trapaceará, roubará ou tolerará aqueles que o fazem." O Código de Honra do Cadete fornece a base para a formação do caráter de um cadete; não é apenas um conjunto de regras, mas o ponto de partida para aqueles que aspiram a viver acima do padrão de vida comum. O Código de Honra dos Cadetes não é uma restrição; é um convite para construir uma base de integridade capaz de resistir a qualquer desafio. As exigências inabaláveis do Código servem como guia, fonte de motivação e força transformadora durante os anos de formação em West Point. O Código de Honra dos Cadetes ajuda os cadetes a se tornarem pessoas honestas o tempo todo. Ao longo dos anos em West Point, a adesão diária dos cadetes ao Código de Honra dos Cadetes — em decisões grandes e pequenas — forja hábitos sólidos de caráter confiável. Esse foco sintonizado capacita os cadetes a reconhecer e, então, "escolher o certo mais difícil em vez do errado mais fácil" sempre que se depararem com uma decisão difícil. Isso cria uma base de comportamento honesto e uma cultura que apoia o desenvolvimento do caráter. Três regras para viver: Os cadetes usam as "Três Regras para Viver" para garantir que uma ação que estejam considerando não

seja desonrosa. As Três Regras pedem: 1. Esta ação tenta enganar alguém ou permitir que alguém seja enganado? 2. Esta ação concede ou permite o ganho de privilégio ou vantagem aos quais eu ou outra pessoa não teria direito? 3. Eu ficaria insatisfeito com o resultado se fosse eu quem sofresse essa ação?. Se um cadete puder responder “Sim” a qualquer uma dessas perguntas, o ato provavelmente seria desonroso, minando a confiança naquele cadete e manchando a honra do Corpo. (US ARMY, 2019).

A influência do estoicismo aparece bem clara na forma como Jefferson via a educação e a virtude republicana. Ele sempre valorizou uma educação prática, científica e, acima de tudo, moral.

Além disso, Jefferson sempre defendeu que o conhecimento científico e tecnológico era essencial para fortalecer a defesa do país com algo que até hoje é um ponto forte na formação da Academia Naval.

Essas passagens deixam claro como as ideias de Jefferson influenciaram profundamente a cultura e os valores éticos da Academia Naval de Anápolis. Essa influência foi fundamental para que a academia assumisse a missão de formar líderes íntegros e prontos para servir ao país com responsabilidade.

A postura de Jefferson, tanto na criação da Academia Militar de West Point quanto na sua tentativa de fundar a Academia Naval de Anápolis, estava firmemente ligada a conceitos antigos de virtudes cívicas e morais, especialmente aqueles defendidos pelo filósofo romano Marco Túlio Cícero. No seu livro *Dos Deveres (De Officiis)*, Cícero destaca a importância da moralidade e da integridade na política, enfatizando que os governantes devem agir sempre com justiça e colocar o bem comum acima de interesses pessoais (CÍCERO, *De Officiis*, Livro II, 26–29).

Um trecho que resume bem essa ideia é quando Cícero afirma que “a justiça é a base de todas as virtudes”. Para ele, todos que ocupam cargos públicos têm a obrigação de exercer suas funções com honestidade e retidão. Essa visão casa perfeitamente com a de Jefferson, que acreditava que a virtude era o alicerce para preservar a democracia e garantir um governo justo, afinal, liderar sem ética é como construir uma casa sem fundação: por mais que as paredes sejam bonitas, cedo ou tarde tudo desaba. E é essa responsabilidade que molda o jeito como os líderes devem servir à sociedade, como na explicação que vem logo adiante:

Quando se trata de determinar diferentes deveres, deve-se preferir os que melhor servem à sociedade. Uma ação sábia deve ser resultado de ciência e prudência, concluindo-se que será melhor fazê-la do que falar dela. Isso é o bastante sobre esse assunto. Não será difícil, depois do que dissemos, escolher

entre os diferentes deveres distinguindo quais os preferidos. Entre a própria sociedade, há diversos graus de deveres, é evidente para todo o mundo que tudo devemos aos deuses imortais; depois à pátria, em seguida aos nossos pais, e depois ao resto. O pouco que dissemos mostra claramente que somente não pode haver dúvida se uma coisa é ou não honesta, mas, entre duas coisas honestas, qual a preferida. Panécio, como disse, esqueceu esse problema. Contudo, convém prosseguir (CÍCERO, *De Officiis*, I, 19).

No que vem a seguir, serão apresentados os conceitos relacionados às virtudes que fundamentam o comportamento e orientam a mente dos guerreiros, como é o caso de Stockdale, partindo do conceito de honra, que é considerada a mãe de todas as virtudes e vista pelos soldados como um verdadeiro patrimônio da alma.

Antes de tudo, vale dizer: a formação ética e moral na Academia Naval de Anápolis não surgiu recentemente, e sim sendo construída com o tempo, carregando séculos de influência principalmente da cultura espartana, da filosofia grega e do estoicismo. Desde a Antiguidade, personalidades como Sócrates, Xenofonte e Marco Aurélio já falava de virtudes que, sinceramente, continuam fundamentais pra quem escolhe a vida militar: coragem, disciplina, autocontrole, responsabilidade.

Esparta, por exemplo, nem precisava explicar muito: o coletivo vinha antes de qualquer desejo pessoal. O sujeito era moldado pra servir ao grupo, com obediência e sacrifício. Mas, com o passar do tempo, essa mentalidade foi sendo ressignificada por filosofias como o estoicismo como que se espalhou entre os romanos e, olha, continua presente (mesmo que de forma menos visível) em várias instituições militares até hoje.

Na prática, isso tudo está longe de ser só teoria, pois em Anápolis, esses valores aparecem e muito no dia a dia dos aspirantes, tais como o Livro Azul e Dourado, o Tratado de Honra, o Código de Honra, mas o mais importante não está no papel, e sim na cobrança diária, nas atitudes, nas reações diante do erro ou da pressão. Não significa apenas aprender a operar equipamentos ou seguir ordens, porque a formação vai além da técnica. É sobre caráter, postura e, muitas vezes, saber fazer o certo mesmo quando ninguém está olhando.

Pouca gente fala sobre isso, mas Thomas Jefferson teve um papel importante nesse tipo de formação. Certamente, ele não viveu para ver a fundação da Academia Naval de Anápolis, mas quando criou a Academia de West Point, nos Estados Unidos, ele já tinha essa ideia clara de que um bom líder militar não podia ser só técnico como precisava ter princípios. E nisso ele se inspirava muito nos estoicos, pois para ele, saber

tática ou estratégia não adiantava nada se o sujeito não tivesse firmeza moral.

O sistema de honra da Academia Naval não é parte do processo de formação. Os aspirantes sabem disso e sentem isso, e não é incomum ouvir histórias de quem passou por situações difíceis e teve que se apoiar nesses valores pra seguir firme.

Um caso que sempre vem à tona é o do James Stockdale, que estudou na Academia Naval de Anápolis, tornou-se oficial da Marinha dos EUA e, anos depois, passou um bom tempo como prisioneiro de guerra no Vietnã. Sob condições desumanas, tortura, isolamento. E, mesmo assim, ele não quebrou. Isso não foi por acaso, porque levava a sério os ensinamentos de Epicteto, que estudou antes de se tornar prisioneiro.

No fim das contas, a Academia Naval de Anápolis não é só um lugar para aprender técnica. É um espaço onde tradição, filosofia e formação de caráter caminham lado a lado. Inspirada em legados antigos, como os de Esparta, dos estoicos e da visão de Jefferson, a instituição continua formando pessoas que não só sabem comandar, mas sabem escolher como sustentar como o que é certo, mesmo quando é difícil.

E se a trajetória de Stockdale serve para alguma coisa, é pra lembrar que coragem, dever e autocontrole não são palavras de efeito. Mas, ferramentas. E, quando levadas a sério, podem salvar tanto o outro e a si mesmo.

6 - O significado da Honra

A ideia de honra sempre esteve presente na vida humana, embora nem sempre com o mesmo significado. Com o tempo e em diferentes culturas, ela foi ganhando formas diversas. No fundo, pode ser vista como uma espécie de bússola interna: cada um a ajusta segundo seus próprios valores, mas ela sempre tenta apontar uma direção, e especialmente quando tudo ao redor parece confuso.

A filosofia de Epicteto nos convida a olhar para dentro, para encontrar a verdadeira fonte da nossa honra e dignidade, que é algo que não depende da opinião dos outros. No *Manual (Enchiridion)*, especialmente na seção 24, ele deixa claro que não devemos nos angustiar por perder honra por causa do que os outros pensam ou fazem. Epicteto afirma que, se a honra é um bem verdadeiro, ela não pode ser tirada por fatores externos, nem pode ser substituída por um mal, afinal, não podemos estar sem honra por causa de outra pessoa (EPICTETO, *Manual de Epicteto*, 24). Essa passagem reforça a ideia de que a honra é fruto da nossa própria conduta e

escolhas, não da aprovação social. A verdadeira honra é algo interno, firme, que nasce do domínio sobre si mesmo e permanece intacto independentemente do que vier de fora.

Essa mesma perspectiva aparece na forma como Epicteto trata o medo. Na seção 5 do *Manual*, ele explica que o que realmente perturba nossa mente não são os eventos em si, mas sim o modo como os julgamos. Ele usa o exemplo da morte para ilustrar: ela não é algo a ser temido, pois, se fosse, teria amedrontado Sócrates, que a encarou com tranquilidade e sabedoria (EPICTETO, *Manual de Epicteto*, 5). Essa visão mostra que o medo nasce dos nossos pensamentos errados e não de causas externas. Epicteto vai além e diz que, quando estamos frustrados, aflitos ou com raiva, não devemos culpar ninguém além de nós mesmos.

Daí surge uma ideia próxima ao que hoje chamamos de culpa. Embora o termo “culpa” não apareça diretamente, Epicteto enfatiza a importância de assumir responsabilidade por nossas falhas e sofrimentos. Ainda na seção 5, ele afirma que acusar os outros pelos nossos problemas é sinal de ignorância, enquanto começar a se responsabilizar é o primeiro passo para um verdadeiro aprendizado. Quando não acusamos nem a nós mesmos nem aos outros, chegamos a um nível de instrução completa como uma maturidade ética profunda que nos liberta. Essa passagem é um guia para nos afastarmos da culpa improdutiva e encontrarmos equilíbrio e paz interior (EPICTETO, *Manual de Epicteto*, 5).

Por fim, mesmo que o termo “camaradagem” não esteja no *Manual*, nos *Discursos* de Epicteto encontramos uma ideia que se aproxima bastante. Na seção 33, ele fala que, quando o dever nos chama a compartilhar o perigo por um amigo ou pela pátria, não devemos hesitar nem buscar sinais externos para decidir. Devemos agir guiados pela razão e pela virtude, mantendo-nos firmes ao lado dos amigos e da comunidade, mesmo diante de grandes riscos (EPICTETO, *Discursos*, 33). Essa solidariedade que nasce do compromisso ético e da razão é uma expressão clara da camaradagem como o apoio mútuo fundamentado na integridade e na responsabilidade (EPICTETO, *Discursos*, 33).

Assim, a filosofia de Epicteto é um convite para cultivarmos uma vida guiada por uma honra que nasce dentro da gente, pelo domínio sobre medos e julgamentos, pela responsabilidade sincera por nossas ações e pela solidariedade com aqueles que estão ao nosso lado. Mais do que meros conceitos, esses ensinamentos funcionam como uma

verdadeira bússola para uma vida ética, autêntica e profundamente conectada com a comunidade.

Para Aristóteles, a honra não era simplesmente prestígio ou fama. Ela vinha como um reconhecimento justo de uma vida virtuosa. Em sua obra *Ética a Nicômaco*, ele fala sobre o “grande homem”, que é alguém que age com justiça e sabedoria, e que busca a honra apenas quando ela realmente faz sentido, quando está ligada ao mérito. Nesse caso, a honra surge como algo que acompanha uma vida guiada pela razão (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Livro IV, 3).

Nietzsche, por outro lado, oferece uma visão bem distinta. Em *Genealogia da Moral*, ele critica as ideias morais herdadas da tradição e defende que a verdadeira força está em afirmar a própria vontade. Para ele, o homem honrado é aquele que mantém sua palavra não por obrigação externa, mas por convicção e firmeza interna. A honra, nesse caso, está mais ligada à autonomia do que à obediência (NIETZSCHE, 1998, p.19, Segunda dissertação).

Com Thomas Jefferson, a honra ganha outro tom. Mais ligada à ética pessoal e ao senso de dever público, ela se apoia na ideia de integridade. Influenciado pelo estoicismo, Jefferson acreditava que agir corretamente era mais importante do que agradar os outros.

Apesar das diferenças entre esses pensadores, há um ponto em comum: todos tratam a honra como algo mais profundo do que simplesmente aparência.

A honra, para os aspirantes da Academia Naval de Anápolis, nos Estados Unidos, é um princípio fundamental que guia a conduta e as decisões dos futuros oficiais da Marinha. Ela representa um compromisso inabalável com a ética, a integridade e a responsabilidade. A honra implica agir de maneira justa, honesta e transparente, tanto em situações pessoais quanto profissionais.

Para os Aspirantes, manter a honra é crucial, pois a confiança e o respeito são cimentados em ações que refletem esses valores. Na Academia, a honra é cultivada através de um código de conduta rigoroso, o qual exige que os discentes se comportem de maneira exemplar, reconhecendo que suas ações têm repercussões não apenas sobre si mesmos, mas também sobre seus colegas e a instituição.

A desonra, dentro do ambiente militar, não é apenas uma falha, mas é algo que pode marcar negativamente toda uma carreira. Desde o início da formação, os Aspirantes aprendem que liderar vai muito além de dar ordens ou traçar estratégias.

Liderança, de verdade, começa com o exemplo e se sustenta na confiança e no respeito que se conquista com a equipe. Por isso, a honra não é um detalhe: é um princípio que acompanha cada decisão. Ao longo da jornada, ela se torna parte da identidade do militar, porque molda atitudes, escolhas e o caráter. No fundo, é como uma âncora firme: é ela que mantém o navio no rumo certo quando os ventos apertam e o mar se agita.

Para Epicteto, um filósofo estoico, honra não é sobre status ou o que os outros pensam da gente. Ela vem de dentro, da integridade e da virtude que a gente cultiva. Para ele, ser honrado é viver seguindo valores como justiça, honestidade e autocontrole, mesmo quando ninguém está vendo. Os estoicos acreditavam que a virtude é o bem mais importante, e que a vida deve ser guiada pela razão e pela natureza. Nesse sentido, a honra é resultado de manter firme os princípios, especialmente quando as coisas ficam difíceis. E, olha, nem sempre é simples manter essa firmeza, confesso.

Epicteto também dizia que não podemos deixar a opinião dos outros controlar nossas atitudes. A verdadeira honra é interna e depende do que a gente acredita, não do reconhecimento externo. Isso exige responsabilidade pessoal para viver de forma ética e verdadeira, buscando sempre aprender e crescer. Para ele, a honra é algo que vai além das aparências e se mostra na coerência entre o que a gente pensa e faz. É um caminho de autodesenvolvimento que ajuda a gente a viver bem em sociedade, com dignidade e respeito por nós mesmos e pelos outros.

Essa ideia de honra também estava presente em Thomas Jefferson, que via nela a base da responsabilidade moral. Jefferson acreditava que liberdade verdadeira só existe quando a gente age com consciência e ética. Na Academia Naval de Anápolis, essa visão é muito valorizada: os Aspirantes aprendem que não basta ser tecnicamente competente, porque é preciso ter honra, integridade e senso de dever. Lá, o respeito, a lealdade e a coragem são valores essenciais para formar líderes de verdade.

A filosofia estoica de Epicteto ajuda muito a entender o que é honra. Para ele, o importante é controlar nossas reações e buscar uma vida racional e cheia de virtudes. A honra, nesse sentido, é sobre se conhecer bem e conseguir dominar as emoções, seria como um timoneiro que segura firme o leme mesmo quando o mar está agitado. O que conta mesmo são as ações virtuosas, que mostram o verdadeiro caráter da pessoa.

Um exemplo disso é James Stockdale, um veterano e prisioneiro de guerra. Influenciado pelos ensinamentos de Jefferson, pela ética da Academia Naval e pelos princípios de Epicteto, ele conseguiu manter uma força moral incrível durante anos de

tortura. Stockdale acreditava que honra era compromisso com a verdade e a justiça, mesmo nas situações mais difíceis. Com sua vida e liderança, ele mostrou que honra não é só uma ideia bonita, mas algo que a gente precisa praticar todo dia, com coragem, compaixão por si mesmo e disposição para enfrentar os desafios com dignidade.

No fim das contas, esses valores juntos criam uma base forte para construir um caráter que vai além do individualismo, comprometendo um indivíduo com o bem-estar de todos.

No próximo assunto, será mencionado outros conceitos ligados à honra, que têm toda a relação com a vida dos combatentes: o medo, a vergonha, a culpa e a camaradagem.

7 - A honra, o medo, a vergonha, a culpa e a camaradagem

A honra, no pensamento estoico de Epicteto e refletida na vida de James Stockdale, é um princípio fundamental que orienta a conduta e a moralidade de quem a cultiva. Epicteto, grande filósofo do estoicismo, destacava a importância da virtude e da integridade pessoal — valores que se conectam diretamente à ideia de honra.

Esse valor é universal entre os guerreiros, independentemente da época ou do lugar. Nas instituições militares, como a Academia Naval de Anápolis, a honra é ensinada como uma virtude essencial. Foi nessa academia que Stockdale, vindo da vida civil, iniciou sua formação como Aspirante da Marinha dos Estados Unidos.

Para um combatente, a ausência de honra significa desconhecer o verdadeiro significado da coragem, da lealdade, da fidelidade e da reputação como pilares imprescindíveis para aqueles que juram defender seu país e seus companheiros, mesmo sob risco da própria vida.

A vida militar é sustentada por valores como hierarquia, disciplina, coragem, sacrifício, obediência e autocontrole. Esses princípios estão inscritos nos Códigos de Honra que regem as academias, exaltando tais virtudes e condenando com rigor a covardia e a indisciplina.

A honra, como valor maior para um guerreiro, não é algo recente. Ela é um legado que remonta à sociedade espartana, especialmente ao Código de Licurgo, que influenciou não apenas Stockdale, mas todos os aspirantes formados na Academia Naval

de Anápolis, antes e depois dele.

Desde o primeiro dia de formação, a honra atua como um “escudo” contra sentimentos como medo, vergonha e culpa, emoções que acompanham quem escolhe a profissão das armas. O medo é natural ao ser humano, mas o guerreiro é treinado para enfrentá-lo com coragem, disciplina e controle emocional, mesmo diante do estresse e da violência do campo de batalha. O estoicismo reforça que a honra se mantém quando agimos de acordo com a razão, superando o medo. Epicteto ensinava que a verdadeira honra está na liberdade interior e na paz

de espírito, valores que são mais valiosos do que qualquer reconhecimento externo.

A questão do medo será explorada com maior profundidade no próximo capítulo, com base nas reflexões de autores importantes.

STOCKDALE (1995) enfatiza que para superar o medo e a culpa como que corroem a força de vontade que é necessário abandonar a tendência natural de ceder ou negociar, mantendo a firmeza e o autocontrole, assim como um prisioneiro que se move devagar, mas seguro.

Em seus relatos, Stockdale descreve como usava mantras silenciosos durante os interrogatórios para dominar o medo e a culpa.

O *Manual de Epicteto*, destaca que, segundo o filósofo, não são as circunstâncias externas, como a ameaça de morte, que determinam nossas ações, mas sim as escolhas que fazemos com base em nosso julgamento racional. Epicteto ensina que emoções como o medo não são inevitáveis, pois nascem de nossas interpretações e, portanto, estão sob nosso controle. Assim, a liberdade verdadeira consiste em governar nossas reações internas, independentemente do que ocorre ao nosso redor (EPICTETO, *Manual de Epicteto*, 5).

O reforço da ideia ao afirmar que o medo e a fraqueza não contribuem para a força interior necessária para enfrentar as dificuldades da vida, de acordo com o livro *Coragem sob Fogo: testando as Doutrinas de Epicteto em um Laboratório Comportamental Humano*. Ele explica que a tática de extorsão usada contra prisioneiros consiste não apenas em infligir dor física, mas em provocar medo e culpa para controlar a mente (STOCKDALE, 2024, p. 48).

Segundo os estóicos, o medo é uma sensação que depende da nossa vontade. Sentimos medo porque escolhemos senti-lo, e ao resistir a esse medo, fortalecemos nosso caráter, tornando-nos mais resilientes.

Esse entendimento está profundamente ligado à visão da Academia Naval de

Anápolis, onde a honra, a integridade e o senso de dever são valores fundamentais na formação dos futuros líderes da Marinha.

O Capelão francês Ganton Courtois, destaca como o comportamento dos líderes é observado continuamente pelos subordinados, influenciando diretamente o moral e a coragem da tropa e ilustra o impacto do medo nos campos de batalha:

O mínimo sinal de inquietude, de depressão e, sobretudo, de desorientação, que não traria consequências graves ao indivíduo só, pode ter repercussões irreparáveis sobre o grupo comandado. Um chefe não conhece o medo, mas se o conhece, ninguém deve perceber. Deve deixar transparecer, segundo a forte expressão de La Varende, que será sempre e em qualquer lugar superior ao acontecimento. Reflexos abolidos, natureza domada, coragem aparente, se necessário, ele aceita todos os riscos, contanto que seu sangue-frio aparente tranquilize os seus homens e lhes evite o pânico que, na guerra, é o pior dos riscos. Na hora do perigo, olha-se instintivamente para o chefe: se é nervosismo ou angústia o que surpreende nele, essa impressão reflete-se na coletividade com um coeficiente tanto mais forte quanto mais estimado for o chefe e quanto mais se acredita que se pode contar com ele. Um dos generais de Verdun, o qual esperava em seu posto de comando as informações sobre o ataque e só por palavras interrompidas ao telefone podia saber de alguma coisa, observa: A inquietude devora-me, a angústia tortura-me e, entretanto, se quero conservar meu prestígio, fazer difundir a confiança, tenho de oferecer aos olhos inquietos que me interrogam, furtivamente, uma máscara impassível. Meu gesto deve permanecer sóbrio, minha voz firme, lúcido meu pensamento. Não conheço prova mais dura e também mais decisiva, para a vontade do chefe. A calma dá imediatamente a impressão de uma vontade que sabe o que quer e que não se deixará desviar de seu objetivo. Um olhar calmo e tranquilo, com frequência, é suficiente para inspirar uma espécie de insegurança nos indóceis; eles sentem então, intuitivamente, que a última palavra não será deles. Quem tem experiência de guerra bem se lembra, nos momentos difíceis, do olhar inquieto da tropa para o oficial que a comanda; a calma ou a alegria simulada de um jovem chefe de seção não era muito mais geradora de confiança que os gritos enlouquecidos do velho sargento? (COURTOIS, 1986, p. 48) A vergonha está muito ligada à forma como a gente percebe que falhou em cumprir normas sociais ou morais. Epicteto dizia que a verdadeira honra vem de agir conforme a virtude, independentemente de as pessoas ao redor reconhecerem isso ou não. Por isso, sentir vergonha pode ser um sinal de que estamos nos afastando dos nossos próprios valores. Para um estoico, a vergonha é um alerta para que a pessoa reflita e corrija o caminho, voltando a agir de acordo com a sua honra.

Para um guerreiro, a vergonha não pode fazer morada. Ele precisa evitar a desonra a qualquer custo e cuidar da sua reputação diante dos superiores, colegas e subordinados. Quando alguém faz o juramento de estar disposto a sacrificar a própria vida, precisa estar preparado para enfrentar a morte no campo de batalha e rejeitar qualquer ato de covardia que possa abalar a confiança de seus companheiros de luta, abaixo o trecho de um texto que caracteriza bem a situação abaixo:

As donzelas de Esparta aprendiam canções de zombaria para humilhar qualquer jovem que mostrasse falta de coragem em batalha. Quando um guerreiro acusado de ser covarde voltava para a cidade, as lindas jovens o rodeavam, zombando dele e o difamando com essas canções humilhantes (PRESSFIELD, 2002, p. 42):

A vergonha, por sua vez, é resultado direto da consciência de que falhamos em agir conforme nossos próprios valores. Pela ótica estoica, sentimentos como esse fazem parte da natureza humana, mas não devem ser os nossos guias. Cabe a nós enfrentarmos com firmeza, disciplina e senso de dever.

O Almirante Stockdale é um exemplo claro dessa luta interna. Mesmo sob as condições mais extremas, manteve sua integridade, demonstrando que agir com razão e honra é sempre possível. A culpa e a vergonha, quando bem compreendidas, não devem nos paralisar, mas nos alertar. Elas podem ser sinais de que estamos nos afastando daquilo que juramos defender. Devem, portanto, nos levar de volta ao caminho certo, reforçando nossos compromissos com nossos camaradas e com a nação.

Ser estoico não significa ignorar falhas, mas reconhecê-las com honestidade e buscar superação, guiado pela virtude e pelo dever.

A vergonha é um dos pontos centrais deste trabalho, e diversos autores a abordam sob diferentes perspectivas, como será tratado a seguir.

Na obra *Coragem sob Fogo: testando as doutrinas de Epicteto em um laboratório comportamental humano* / organizado por Aldo Dinucci, que reúne reflexões de Stockdale, explica que os estoicos não desprezavam a dor física, mas viam na dor moral algo ainda mais profundo. A vergonha, segundo ele, é sentida por quem tem consciência do próprio dever, e sabe que falhou com seus pares ou com Deus. Durante os interrogatórios que Stockdale enfrentou como prisioneiro de guerra, a vergonha era a principal arma usada contra ele. Ele entendeu que, se o inimigo não conseguisse fazê-lo sentir vergonha, ou se ele não se entregasse a esse sentimento, não haveria vantagem alguma para o adversário. Ainda assim, foi necessário compreender a lógica e o comportamento daarceragem, para resistir com firmeza e inteligência (STOCKDALE, 2024).

Na mesma publicação, Dinucci relata uma lembrança de Stockdale, que era sempre a primeira pergunta feita: em um lugar como aquele onde ele esteve, essa

pergunta parecia tão insignificante que dava vontade de chorar. Perguntavam coisas como: “Eles te machucaram fisicamente? Que tipo de instrumento usaram para isso?” (STOCKDALE, 2024, p.29). Sempre focavam no instrumento, na chamada “droga da verdade” ou nos choques elétricos — métodos que, na verdade, só reforçavam sua determinação. Isso porque esses métodos acabam gerando um sentimento de superioridade moral, justamente o oposto do que o interrogador deseja. Stockdale não acreditava em lavagem cerebral, mas falava do que chamava de “encarar o fundo do poço”, confirmando na prática o princípio fundamental dos estoicos de que o que realmente derruba um homem está associado à vergonha, e não ao sofrimento físico

Ainda sobre a vergonha, o livro cita que Stockdale entendia que os vietnamitas queriam que os prisioneiros adotassem sua visão, submetendo-os a interrogatórios constantes para humilhá-los. Nesse jogo, a vergonha era a principal moeda em disputa. Stockdale afirmou que todas essas experiências só aumentaram sua superioridade moral, já que “não é a dor que derruba um homem, mas sim a vergonha” (STOCKDALE, 2024, p.29)..

No fim das contas, o que realmente significam as torturas? O isolamento? As correntes nos tornozelos? As humilhações diante do torturador? Imagino que cada pessoa tenha seu próprio entendimento sobre esses termos. Vamos considerar o assédio moral como exemplo.

Também cita Stockdale ao tratar da vergonha, apontando que os torturadores buscavam causar sofrimento e culpa nos prisioneiros. O isolamento e as torturas com cordas não causavam apenas danos físicos. Durante as exaustivas sessões, os soldados presos acabavam confessando culpas que os envergonhavam profundamente ao retornarem às suas celas. Relacionado a esse tópico, Stockdale afirmava que fraturas nos ossos não tinham importância perto do que ele chamava de “dano estoico”: o verdadeiro mal é destruir o homem íntegro dentro de você, aquele que se respeita e age com dignidade.

Sobre vergonha e culpa, Stockdale analisa: “Quem já viveu em um ambiente marcado por extorsão sabe que a principal arma do opressor é manipular a vergonha da vítima” (STOCKDALE, 1995, p. 42). Quando, em momentos críticos, um líder covarde e cheio de culpa — aquele que carrega uma culpa impossível de expiar — assume o poder, o destino do povo está condenado. Apenas um homem de coração firme pode trazer esperança. O isolamento é uma forma eficaz de perturbar alguém, mas requer

tempo, pelo menos dois anos. A chantagem, no entanto, pode ser ainda mais eficaz se a pessoa for profundamente vulnerável à vergonha”.

Ainda sobre vergonha e culpa, no mesmo livro Stockdale reforça que Epicteto ensinava que a verdadeira vergonha não vem dos perigos de vida ou morte nas guerras, mas da traição a si mesmo, que destrói o homem virtuoso dentro de cada um. Ele também afirma que a vergonha é um peso muito maior do que qualquer ferimento físico. Observou, ainda, que quando alguém sai da prisão ou do cativeiro de guerra, as pessoas ao redor costumam bombardear o sobrevivente com perguntas inadequadas.

Stockdale destaca que, na prática, a estratégia era eficaz: quebrar o espírito dos prisioneiros americanos mantendo-os isolados e dominados pela vergonha. Os torturadores criavam longas listas de ações proibidas, as “armadilhas”, como, por exemplo, se comunicar com outros americanos, para controlar os presos, forçando-os a voltar à tortura e fornecer mais confissões.

Por fim, ressalta que homens honestos na prisão sabem que não existe algo como “lavagem cerebral” ou “quebra” da mente. Essas expressões são ilusões usadas por pessoas fora das prisões para se sentirem menos desconfortáveis ao discutir as limitações humanas.

A culpa, por sua vez, é uma emoção que surge quando sentimos que falhamos em viver de acordo com nossos princípios. No estoicismo, ela pode ser um sinal de que estamos nos afastando da nossa verdadeira natureza e da virtude. A honra, então, é restaurada por meio da reflexão e da ação corretiva. Em vez de se deixar consumir pela culpa, o estoico aprende com seus erros e busca a retidão, reconhecendo que a honra é um estado de ser que exige vigilância constante.

No essencial, no contexto de Stockdale e Epicteto, a honra funciona como um guia para a vida, ajudando a superar o medo, a vergonha e a culpa. Ao focar na virtude e na integridade pessoal, o indivíduo encontra força para enfrentar as adversidades e preservar sua honra, mesmo diante de emoções desafiadoras. Isso reflete a verdadeira resiliência.

Considerando isso, a culpa pode ser vista como uma bússola trincada e sem agulha que nos alerta de que nos desviamos do caminho da virtude. Considerando que houve um significativo e crescente condicionamento do cidadão civil que se tornou militar e foi incorporando princípios filosóficos e psicológicos em direção ao confronto, a transição da guerra para a vida civil representaria um outro desafio radical à integridade

psíquica e moral do indivíduo, sendo este o foco para aquele que se dedicou a tal atividade. Veteranos de guerra (ex-combatentes) frequentemente enfrentaram estados psíquicos profundamente marcados por culpa, vergonha, traição moral, perda da honra e, especialmente, a dolorosa vivência de ter sobrevivido enquanto outros, 'irmãos de armas', ficaram para trás, e como cicatrizes invisíveis gravadas na alma. Tais experiências desestabilizam não apenas o equilíbrio emocional, mas o próprio sentido de identidade e agência moral.

A culpa é outro conceito extremamente importante que pode ser observado nos textos relacionados a Stockdale, que foi intensamente condicionado em Anápolis para sentir-se responsável por suas ações e omissões quando estivesse nos campos de batalha, devendo defender os interesses de sua pátria e do seu povo. Para o guerreiro, uma parcela valiosa do seu povo são os companheiros que combatem lado a lado, e eles não podem falhar de forma alguma, para evitar o intenso e grave sentimento de culpa.

Como exemplo, (PRESSFIELD, 2020) afirma, em seu livro *O Espírito do Guerreiro*, que uma cultura que tem por base a culpa internaliza o que acredita ser o certo ou o errado em sua sociedade, onde aquele que peca sente o pecado em suas entranhas, sem necessidade de condenação ou sentença.

Stockdale, faz reflexão sobre a vergonha no seu livro *Filósofo Piloto de Caça*, quando afirma que Epicteto diz que não devemos buscar um mal maior do que destruir o homem íntegro dentro de nós, aquele que é confiável e se respeita. No jogo de confronto entre o interrogador e eu, as “armadilhas”, regras criadas para provocar vergonha, eram a moeda de troca. Aprendi que, a menos que ele conseguisse me envergonhar, ou eu mesmo me envergonhasse, ele não teria vantagem alguma. Embora a força estivesse disponível, seu uso dependia da autorização. (STOCKDALE, 1995).

Friedrich Nietzsche foi um dos principais filósofos a refletir sobre a relação entre culpa, vergonha e honra. Em sua obra *Genealogia da Moral*, ele analisa como a culpa surge da relação entre credor e devedor, transformando-se gradualmente em uma sensação de dívida para com os antepassados e, mais tarde, para com Deus (NIETZSCHE, 1998, p.19, Segunda dissertação).

Nietzsche argumenta que a humanidade criou um sentimento de culpa ao se sentir em dívida com os deuses e antepassados, e que isso foi exacerbado pelo cristianismo, que apresentou um Deus que se sacrifica pela culpa dos homens. Essa ideia

de culpa é vista como um meio de manipular o outro e uma maneira de limitar a vontade de poder humano.

No seu livro *Filósofo Piloto de Caça*, Stockdale, afirma que a culpa mais devastadora entre os prisioneiros não dependia do que se admitia sob tortura, mas sim quando se quebra o silêncio por medo de punição ou para se obter qualquer vantagem pessoal. Isso ocorre porque a culpa, mais do que ser motivada pelas ações em si, é determinada pela consciência moral daquele que avalia os atos praticados, sendo uma consequência emocional e moral do julgamento interno sobre o próprio comportamento (STOCKDALE, 1995).

Outros filósofos, como Martin Heidegger, também abordaram a noção de culpa, mas sob uma perspectiva ontológica, vendo-a como uma constituição essencial do ser humano. No entanto, Nietzsche é quem mais diretamente relaciona culpa, vergonha e honra em suas obras. A camaradagem entre os guerreiros, como no caso de Stockdale, foi intensamente exercitada em Anápolis, para que, desde seu primeiro dia na condição de Aspirante, ele desenvolvesse fortes laços afetivos com seus colegas de turma e contemporâneos da Academia Naval. Isso porque, sem espírito de corpo, não haveria espaço para lealdade, fidelidade, união nos momentos de alto risco de morte e estresse, razão para sacrificar a vida uns pelos outros, respeito mútuo e admiração entre eles. (STOCKDALE, 1995)

No trecho a seguir, está o mais puro exemplo do valor da camaradagem para aqueles que comungam da mesma profissão das armas, quando (PRESSFIELD, 2020, p. 177), relata Plutarco perguntando: “Por que os espartanos punem com uma multa o guerreiro que perde seu capacete ou lança, mas pune com a morte o guerreiro que perde seu escudo?” A resposta: Porque capacete e lança são levados para proteção do indivíduo sozinho, mas o escudo protege todos os homens na linha. O grupo sempre vem antes do indivíduo.

Com o propósito de dar continuidade à pesquisa atual, será abordado o tópico da Reversão em Epicteto, cujo objetivo é apresentar perspectivas alinhadas ao necessário processo pelo qual todo veterano que retorna dos campos de batalha deve passar, para que possa encontrar sua reinserção no meio civil sem traumas.

A honra, no contexto da vida militar e do pensamento estoico, é o princípio que orienta o indivíduo mesmo diante do medo, da vergonha e da culpa. Esses sentimentos,

embora naturais, só se tornam paralisantes quando o guerreiro se afasta de seus valores. A camaradagem fortalece esse compromisso, pois ninguém combate sozinho. Assim, manter a integridade moral, mesmo sob extrema pressão, é o que permite ao combatente preservar sua humanidade. No fim, é a honra que dá sentido, direção e firmeza diante das adversidades da guerra e da vida.

8. O Saber de Epicteto Sem Fronteiras

O *Manual de Epicteto* orienta não apenas o saber filosófico individual, mas também oferece diretrizes práticas para a vida militar, fortalece o senso de dever na comunidade e promove valores universais válidos para toda a humanidade. Essa amplitude ressoa com a visão de Platão, para quem “este mundo é realmente um ser vivo dotado de alma e de inteligência, uma criação verdadeiramente divina” (PLATÃO, *Timeu*, 30b–31a). Assim, como a ética estoica de Epicteto conecta a interioridade humana com a harmonia cósmica. Cada indivíduo torna-se, nesse contexto, responsável por refletir e preservar a ordem universal em si mesmo, e jamais validando castas ou guetos de conhecimentos.

A filosofia estoica, especialmente nas ideias de Epicteto, nos dá uma base muito firme para entender como a gente pode desenvolver resiliência e viver de forma ética. Isso vai muito além daqueles conselhos superficiais que vemos por aí em muitos livros de autoajuda. Um ponto fundamental para os estóicos é a chamada Dichotomia de Controle (Prohairesis). Basicamente, ela nos ajuda a perceber o que realmente depende da gente e de nossos pensamentos, nossas escolhas, nossas atitudes e o que está fora do nosso alcance, como os acontecimentos ao nosso redor e o que os outros pensam (EPICTETO, *Manual de Epicteto*, 1). Essa ideia é importante para a gente não se perder quando as coisas apertam.

Um exemplo claro disso é a história do almirante James Stockdale. Durante o tempo em que esteve preso na Guerra do Vietnã, ele sobreviveu porque compreendeu essa lição estoica. Stockdale focava no que podia controlar dentro de si mesmo e não se deixava abater pelo que estava fora do seu alcance, que apesar de simples, esse ensinamento tem um poder enorme quando colocado em prática.

Além disso, o estoicismo traz o conceito de Oikeiôsis, que fala sobre expandir o cuidado que temos por nós mesmos para incluir as pessoas que estão ao nosso redor e começando pela família, depois a comunidade, e por fim toda a humanidade no livro *Dos Deveres* de Cícero. Essa ideia lembra muito os laços de camaradagem entre os espartanos e, mais amplamente, a vida castrense. Como Steven Pressfield descreve em *O Espírito do Guerreiro*, esses laços formavam uma verdadeira irmandade, que é feita de lealdade,

coragem e compromisso mútuo e que era essencial para manter a unidade e a força do grupo (PRESSFIELD, 2020). Esses vínculos iam além do campo de batalha; eles envolviam a proteção da comunidade e a defesa de valores compartilhados, mostrando como a ética do cuidado pode se estender do indivíduo para o coletivo, porque o estoicismo de Epicteto derruba muros e desfaz fronteiras demarcadas criadas para os saberes filosóficos, castrenses e daqueles que não se enquadram em nenhum dos dois primeiros grupos.

Por isso, o estoicismo e o exemplo dos espartanos mostram que a verdadeira força vem do equilíbrio entre o domínio interno de si mesmo e o compromisso com o outro como uma mistura de autonomia e responsabilidade social.

Quando a gente pratica a *Dichotomia de Controle*⁶, aprende a aceitar com serenidade o que não dá para mudar. E, com a *Oikeiôsis*, amplia nossa responsabilidade para além do nosso próprio círculo. Essas duas ideias juntas formam um modelo consistente que conecta o pensamento de Epicteto, exemplos reais como o do Stockdale, e os desafios cotidianos que enfrentamos. Não é só um conselho passageiro; é uma maneira firme de viver com integridade com todos que fazem parte da humanidade. Essa camaradagem, tão cultivada em Esparta, onde os laços entre os cidadãos não eram apenas de sangue, mas de um compromisso mútuo e profundo (PRESSFIELD, 2020), mostra-se exemplar e útil para os tempos atuais.

O saber de Epicteto ensina que a verdadeira força nasce do equilíbrio entre o autodomínio e a responsabilidade ética com o outro. Ao unir a *Dichotomia de Controle* e a *Oikeiôsis*, compreendemos que o indivíduo não é uma ilha, mas parte ativa da ordem universal. Assim, a filosofia estoica transcende fronteiras e nos chama a viver com integridade, coragem e compromisso com toda a humanidade.

8 – Reversão em Epicteto

A Reversão em Epicteto será utilizada como base teórica para este trabalho, explorando como os princípios estoicos influenciam a visão dos profissionais da guerra sobre a morte. Esses princípios oferecem uma estrutura filosófica que ajuda a encontrar

⁶ Expressão fundamental para o estoicismo, para designar aquilo que realmente depende de nós ou o que está sob o nosso encargo, para que possamos exercer o controle naquelas áreas que realmente nos cabe ou que está sob nossa responsabilidade (DINUCCI, 2012).

significado e equilíbrio diante das incertezas da vida e do campo de batalha.

Dado o crescente número de cidadãos civis que se tornam militares, incorporando valores filosóficos e psicológicos para enfrentar o conflito, a transição da vida militar para a civil representa um desafio radical para a integridade psíquica e moral do indivíduo, um aspecto central para aqueles que se dedicam a essa atividade.

Veteranos de guerra frequentemente enfrentam estados psíquicos marcados por culpa, vergonha, traumas morais, perda da honra e, sobretudo, pela dor de ter sobrevivido enquanto seus “irmãos de armas” ficaram para trás. Essas experiências abalam não só o equilíbrio emocional, mas também o sentido de identidade e a capacidade de agir moralmente.

O prosseguimento deste trabalho propõe uma abordagem filosófica baseada no Estoicismo, especialmente no *Manual de Epicteto*, como um possível caminho para ressignificar essas experiências. Essa abordagem oferece uma alternativa à visão puramente médica do trauma, articulando os afetos morais do pós-guerra com conceitos estoicos como liberdade interior, autodomínio, aceitação do destino (*fatum*) e reconciliação com a perda, ancorando essas reflexões na filosofia da mente contemporânea.

Sob a ótica do estoicismo, e especialmente do *Manual de Epicteto*, destaca-se a necessidade de encontrar serenidade na reconstrução da vida após o retorno do campo de batalha. É importante considerar que toda a preparação para os confrontos teve como virtude maior a honra, além de aspectos fundamentais da mente do guerreiro, como o medo, a vergonha, a culpa e a camaradagem.

Os valores forjados durante a preparação para o campo de batalha fazem com que o indivíduo passe a compreender sua mente de forma muito diferente do que quando era civil, para que possa operar em condições extremas e constantes do ambiente de guerra. No entanto, com o término do conflito, o retorno à vida civil deve ser tão cuidadosamente preparado e cuidado quanto foi a sua formação para o combate.

Ao se pensar em reversão, parte-se do reconhecimento de que a experiência da guerra deixa marcas profundas nos combatentes, em maior ou menor grau. É possível afirmar, sem ambiguidade, que o trauma de guerra é, antes de tudo, um trauma moral. Embora as ferramentas terapêuticas modernas, que como a psicologia clínica e a farmacologia, sejam fundamentais, elas nem sempre alcançam as camadas mais

profundas do sofrimento existencial e ético.

Nesse contexto, a filosofia estoica, especialmente nas lições de Epicteto, pode oferecer um caminho alternativo e promissor. Ela propõe um modelo de autoconhecimento, regulação emocional e reintegração moral que ainda é pouco explorado na abordagem da reversão pós- guerra. Ao integrar conceitos da filosofia da mente, da ética estoica e da psicologia do trauma, este projeto se propõe a construir uma via interdisciplinar para compreender e reconstruir a subjetividade do sujeito que retorna do combate.

Entre as contribuições esperadas da pesquisa, pensada como uma etapa do doutorado em pretendido, estão: a elaboração de um modelo filosófico prático para lidar com o sofrimento moral no pós-guerra; uma releitura do estoicismo como aliado terapêutico e ético no mundo contemporâneo; a proposta de ampliar o escopo da filosofia da mente, incorporando dimensões morais e afetivas da identidade; e, por fim, o incentivo ao diálogo entre filosofia, psicologia e literatura de guerra.

Concluindo, a reversão estoica proposta por Epicteto oferece um caminho de reconstrução moral e emocional para veteranos de guerra marcados por traumas profundos. Ao resgatar valores como a honra e o autodomínio, a filosofia propõe sentido diante do sofrimento. Assim, a ética estoica se revela como ponte possível entre a dor do combate e a serenidade da reintegração civil.

Considerações finais

Este trabalho buscou alcançar o objetivo de explorar a transformação psicológica no processo de reconversão de James Stockdale, compreendida não como uma mudança súbita ou isolada, mas como o resultado de uma trajetória ética e intelectual profundamente enraizada em diversas influências formativas. Desde sua entrada como aspirante na Academia Naval de Anápolis, Stockdale foi exposto a valores como honra, dever e disciplina, fundamentos que moldaram sua visão de mundo e constituíram um sólido arcabouço moral.

Mais tarde, durante sua passagem pela Universidade de Stanford, entrou em contato com o *Manual de Epicteto*, uma obra que o impactaria profundamente. A fusão entre a formação naval e a filosofia estoica seria posta à prova, e posteriormente

reconfigurada, nas condições extremas de sua experiência como prisioneiro de guerra no Vietnã do Norte, em Hanói.

O estudo do *Manual de Epicteto* revelou-se o ponto de inflexão mais decisivo em sua reconversão, ao oferecer um sistema filosófico que não apenas explicava seu sofrimento, mas também fornecia ferramentas concretas para enfrentá-lo. A filosofia estoica, centrada na distinção entre o que está e o que não está sob nosso controle, ressoou de forma particularmente profunda diante da brutalidade e do encarceramento. Stockdale encontrou no estoicismo um modo de preservar sua autonomia interior, mesmo quando todos os elementos externos de liberdade lhe haviam sido retirados.

Contudo, seria um erro interpretar essa reconversão apenas como filosófica ou intelectual. Os conceitos de honra, medo, vergonha, culpa e camaradagem desempenharam papel central em sua vivência cotidiana no campo de prisioneiros. A honra tornou-se a virtude maior que o impedia de ceder completamente; o medo e a culpa eram emoções constantes e provocadas pela carceragem, mas também orientadoras; a vergonha, quando experimentada, não era paralisante, mas uma força propulsora para reafirmar valores; e a camaradagem entre os prisioneiros funcionava como rede de apoio mútuo e de sustentação moral e emocional.

É também notável a influência indireta de Thomas Jefferson, cuja visão de liberdade e responsabilidade individual perpassava o ethos da formação de Stockdale na Academia de Anápolis e encontrava eco nas noções de autodisciplina e dignidade humana presentes no estoicismo. Dessa forma, a reconversão de Stockdale pode ser vista como uma síntese complexa entre a tradição clássica, a experiência militar americana e os extremos da condição humana enfrentados no Vietnã. Em última instância, o estoicismo não substituiu sua formação militar anterior, mas a refletiu e a reinterpretou, conferindo-lhe novo significado à luz do sofrimento. Foi nesse processo de ressignificação que Stockdale encontrou não apenas meios de resistir à desumanização, mas também de transformar o cativo em um cenário de afirmação moral, que se tornou para ele um testemunho e legado de sua integridade e liderança.

A seguir serão citadas algumas dessas observações.

Durante a leitura dos textos que fundamentam esta dissertação, tornou-se

evidente que os comportamentos de Stockdale em Hanói não decorreram de decisões isoladas, mas da confluência entre dois universos distintos: a formação militar e a filosofia estoica. À primeira vista, essas esferas podem parecer incompatíveis, mas revelam afinidades profundas em seus valores e princípios. Observou-se que a trajetória de Stockdale uniu, de forma orgânica, a disciplina militar e os ensinamentos de Epicteto, formando um sincretismo ético e existencial. Buscou-se também identificar pontos de convergência entre os princípios do estoicismo, especialmente os expressos no *Manual de Epicteto*, e as experiências de Stockdale durante sua formação na Academia Naval de Anápolis. Essa análise demonstrou que tanto a teoria filosófica quanto a prática militar estavam alicerçadas em um valor comum: a honra, vista como pilar central da conduta.

Na sequência, realizou-se uma análise da trajetória ética de Stockdale à luz do conceito de *habitus*, formulado por Pierre Bourdieu, em diálogo com a ética dos pensadores clássicos. A jornada de Stockdale, seja da conversão inicial à filosofia estoica, passando pela reconversão durante o cativeiro e culminando no sincretismo vivido em Hanói, pode ser compreendida como uma dinâmica entre o *habitus* moldado pela educação militar e a construção consciente de hábitos virtuosos para enfrentar condições extremas.

O *habitus*, segundo Bourdieu, resulta da incorporação de condições sociais e históricas objetivas, que orientam pensamentos, percepções e ações de maneira não necessariamente deliberada. A formação de Stockdale, profundamente marcada pelos valores de honra, dever e disciplina, forjou um *habitus* militar que estruturava sua visão de mundo. A leitura do *Manual de Epicteto* funcionou, nesse sentido, como um espelho teórico, que reinterpretava e ressignificava esses valores sob uma ótica filosófica mais ampla. A síntese desse *habitus* reconfigurado pode ser entendida como o sincretismo ético que Stockdale encarnou durante sua prisão em Hanói. No que diz respeito aos filósofos antigos, foi possível observar alinhamentos entre os princípios vividos por Stockdale e os ensinamentos de Platão, Aristóteles e Epicuro, especialmente no que se refere à capacidade de agir com prudência (*phronesis*) diante da adversidade, e à centralidade de virtudes como coragem e honra. A conversão, a reconversão e o sincretismo não são, portanto, momentos estanques, mas processos interligados que

permitiram a reconstrução do *habitus* e a consolidação de hábitos virtuosos, possibilitando a Stockdale transformar o sofrimento extremo em afirmação de seus princípios e em exercício exemplar de liderança.

Na terceira parte deste trabalho, dedicada aos conceitos de conversão, reconversão e sincretismo, os aspectos foram desenvolvidos da seguinte forma:

A conversão diz respeito à adesão inicial de Stockdale a um conjunto de valores éticos estruturantes, como honra, disciplina, dever e coragem moral, que forjados ao longo de sua formação na Academia Naval de Anápolis. Essa etapa não deve ser compreendida apenas como um processo institucional, mas como um comprometimento existencial, que molda a identidade e o comportamento de forma profunda. A conversão estabelece uma base sólida de conduta, expressa em hábitos considerados virtuosos, validados por sua eficácia prática. Trata-se do ponto de partida: uma crença fundadora que passa a orientar decisões, visão de mundo e a identidade vinculada à instituição militar.

A reconversão ocorre posteriormente, quando Stockdale entra em contato com o *Manual de Epicteto*. Essa leitura atua como um espelho teórico, que lhe permite reinterpretar e reformular as crenças e valores assimilados durante a formação militar. A filosofia estoica não substitui os princípios da caserna como honra e dever, mas oferece uma nova linguagem e profundidade para ressignificá-los à luz de situações extremas, como a do cativo.

O sincretismo manifesta-se no comportamento de Stockdale durante sua prisão em Hanói. Ali, ocorre a fusão entre os elementos da tradição militar e os ensinamentos estoicos, que não apenas coexistem, mas se reorganizam em um sistema ético próprio e coerente. Essa síntese não é teórica: ela se traduz em ação, em resistência prática, e marca a construção de uma nova identidade forjada na adversidade.

Resumidamente, a conversão remete à formação inicial de Stockdale na Academia Naval, onde os valores de honra, dever e disciplina foram incorporados como princípios estruturantes. A reconversão refere-se ao encontro com a filosofia estoica, que se apresenta como uma chave interpretativa capaz de reorganizar internamente essas crenças. O sincretismo, por fim, corresponde ao momento de sua

captura e encarceramento no Vietnã do Norte, no qual tais tradições, seja militar ou filosófica, convergem na prática concreta de resistência e liderança diante da desumanização.

Continuando a elaboração do trabalho, foi necessário oferecer maiores explicações sobre a Academia Naval de Anápolis, especialmente no que tange à sua rotina e à influência indireta de Thomas Jefferson na formação de Stockdale. Essa influência se manifestou principalmente por meio dos aspectos morais contidos no Código de Honra da Academia Militar de West Point, que, por sua vez, exerce forte influência na Academia Naval de Anápolis, cuja criação contou com contribuições das ideias de Jefferson.

Prosseguindo com a análise dos conceitos éticos no processo de reconversão de Stockdale, percebe-se uma dinâmica ética complexa, em que conceitos como honra, medo, vergonha, culpa e camaradagem desempenharam papéis fundamentais para a manutenção de sua integridade moral durante a prisão.

A honra foi a base ética principal que estruturou seu comportamento e sua resistência, ensinada desde sua formação na Academia Naval. O medo e a culpa, por sua vez, foram emoções que orientaram e motivaram sua ação ética durante o cativeiro.

A culpa, especialmente, carregava um peso moral que mantinha a responsabilidade para consigo mesmo e com os outros, sobretudo diante das dificuldades do grupo. Já a vergonha, quando sentida, o impulsionava a reafirmar seus valores.

Por fim, implícita e presente em todos esses conceitos, estava a camaradagem, que entre os prisioneiros desempenhava um papel vital como rede de apoio moral e emocional, promovendo resiliência coletiva e um sentido comum de propósito.

Para finalizar, durante a realização deste trabalho, identificou-se a possibilidade de avançar no tema, mas sob um enfoque oposto: a previsão da reversão e da readaptação para ex-combatentes no retorno à vida civil. Essa questão certamente impactou os contemporâneos de Stockdale ao voltarem do Vietnã, mas ainda hoje permanece uma necessidade urgente e universal para todos os militares que retornam

do campo de batalha.

Assim como todo o processo que levou à reconversão vivenciada durante o cativeiro não foi uma transformação rápida ou isolada, o retorno à sociedade civil exige uma trajetória ética, psicológica e existencial igualmente complexa, marcada pela releitura e reelaboração dos valores fundamentais que orientaram o indivíduo durante o serviço militar. Ex-combatentes carregam consigo uma identidade forjada em condições extremas de disciplina, coragem, camaradagem e sacrifício, valores estes que, embora essenciais no contexto bélico, precisam ser trabalhados diante das expectativas e desafios do retorno ao ambiente civil.

A readaptação, portanto, demanda um processo contínuo de integração dessas experiências, que vai muito além da mera reinserção social ou profissional, envolvendo a reconstrução de sentidos, significados e vínculos que sustentem a dignidade e a autonomia pessoal.

A filosofia estoica, que orientou Stockdale em sua experiência extrema — especialmente os ensinamentos do admirável Epicteto, pode oferecer um caminho para a promoção da aceitação ativa e o fortalecimento da autonomia interior. Em resumo, o estudo da trajetória de Stockdale evidencia que a conversão, a reconversão, o sincretismo e a necessária readaptação são processos indissociáveis da experiência do combatente, fundamentais para garantir não apenas a sobrevivência, mas também a plena reintegração existencial e social do ex-militar. O estoicismo pode ser uma ferramenta importante de ressignificação, ajudando ex-combatentes a transformar suas experiências traumáticas em testemunhos de integridade, liderança e resiliência no retorno à vida civil.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Torrieri Guimarães. 4. ed. Natal: UFRN — Coleção Humanitas, 2025. pdf.
Disponível em:
<https://humanitas.ufrn.br/wp-content/uploads/2025/03/Etica-a-Nicomaco.pdf>.
Acesso: 11mai2025.

AURÉLIO, Marco. *Meditações*. Tradução de Thainara Castro. Brasília: Kiron, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction; critique social du jugement**. Paris: Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL. Marinha do Brasil. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **Manual Básico do Fuzileiro Naval**, 2023.

BURKERT, W. *A religião grega*. São Paulo: Edusp, 1993.

CÍCERO. *Dos deveres*. Tradução de João Mendes Neto. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2019.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. Tradução de Pedro Eloi Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COURTOIS, Gaston. **A arte de ser chefe**. Rio de Janeiro: Editora Bibliotec estoica. Biblioteca do Exército, 1986.

DINUCCI, A. **O Manual de Epicteto: aforismos da sabedoria** Cristóvão, EdiUFS, 2012.

DINUCCI, Aldo. **Introdução ao Manual de Epicteto**. Sergipe: Editora UFS, 2012. DINUCCI, Aldo. **Manual do estoicismo: a visão estoica do mundo**. Editora UFS, 2012.

DHIMAN, Satinder. **More than happiness: a stoic guide to human flourishing**. Cham: Springer International Publishing, 2021.

EISENHOWER, Dwight D. **Crusade in Europe**. New York: Doubleday, 1948.

EPICURO. **Carta a Meneceu**. IN EPICURO. *Obras Completas*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

EPICTETO. *Discursos*. Tradução de Aldo Lopes Dinucci. São Cristóvão: Edições UFS, 2012. EPICTETO. *Manual*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

EPICTETO; DINUCCI, Aldo Lopes; JULIEN, Alfredo. *O Encheiridion de Epicteto: edição bilíngue*. Tradução do texto grego e notas de Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (EdiUFS), 2012. 96 p. ISBN 978-85-7822-224-6.

EPICTETO. *Encheiridion de Epicteto: introdução, tradução e comentários*. Tradução

de Aldo Lopes Dinucci e Alfredo Julien. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

EPICTETO. *Manual de Epicteto (Enchiridion)*. Tradução de Aldo Dinucci. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EPICTETO. *As diatribes de Epicteto: livro I*. Tradução do grego, introdução e comentário de Aldo Dinucci. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021. ISBN 978-989-26-1925-5. DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1926-2>

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Declaration of Independence**. *Encyclopaedia Britannica*, [s.d]. Disponível em: [https://www.britannica.com/topic/Declaration of Independence](https://www.britannica.com/topic/Declaration_of_Independence). Acesso em 17 ago.2025.

ENCICLOPEDIA DE FILOSOFIA DE STANFORD. Disponível em: < https://plato-stanford-edu.translate.google.com/entries/jefferson/?x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr_hl=pt&x_tr_pto=tc . **Thomas Jefferson** >. *Enciclopédia de Filosofia de Stanford*>. Acesso em: 09jul2025.

HERÓDOTO. **História**. Tradução de Mário Gama Kury. 2. Ed. Brasília: Editora da UnB, 1991.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução de Lourivalde Queiroz Henkel. 1. Ed. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

KONSTANTAKOS, Leonidas. *On Cleomenes and Sphaerus: How Stoic was the Spartan King?* Anais de Filosofia Clássica, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14 (Estoicismo), 2013. DOI: 10.47661/afcl.v7i14.1367.

MAHAN, Alfred Thayer. *A influência do poder naval na história: 1660-1783*. Tradução de Almir Garnier dos Santos. Brasília: Biblioteca do Exército, 2003. MARCO AURÉLIO, **Meditações**. São Paulo: Editora Edipro, 2019.

CERDAS, Emerson; CHICHURRA, Vinícius. Tradução de: XENOFONTE. *A Constituição dos Lacedemônios*. Revista CALÍOPE, v. 27, n. 1, 2021.

Disponível em: <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i42.41113> . Acesso em: 17 ago.2025.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Declaration of Independence*. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Declaration-of-Independence>. Acesso em: 17 set. 2025.

LIBERTYFLAGS. *U.S. Naval Academy Opens, 1845*. Disponível em: <https://libertyflags.com/blogs/default-blog/u-s-naval-academy-opens-1845>. Acesso em: 17 set. 2025.

MATTHEWS, Richard K. **The radical politics of Thomas Jefferson: a revisionist view**. Lawrence: University Press of Kansas, 2011.

MERRIAM-WEBSTER. *Reconversion*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/reconversion>. Acesso em: 17 set. 2025.

NATIONAL ARCHIVES. Letter from Thomas Jefferson to William Short, 31 Oct. 1819. Disponível em: <https://www.archives.gov/jefferson/letters/1819>. Acesso em: 17 set. 2025.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ONUF, Peter S. **Ancients, moderns and the progress of mankind: Thomas Jefferson's classical world**. Charlottesville: University of Virginia Press, Virginia, 2012.

PETERSON, Merril D. **Thomas Jefferson and the New Nation: a biography**. Oxford: Oxford University Press, New York, 1970.

PLATÃO. *Laques*. Revista Trad. Edição Martin Claret, São Paulo, 2005. PLATÃO. *Mênnon*. Tradução de Maura Iglésias. São Paulo: Loyola, 2008. PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Abril, 2015.

PLATÃO. *Timeu*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

PRESSFIELD, Steven. *O espírito do guerreiro*. Tradução de Alves Calado. São Paulo: Alta Books, 2020.

PLUTARCO. *Vida de Júlio César*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002.

PLUTARCO. *Vida de Licurgo*. In: **Vidas Paralelas**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 2006.

REFLEXÕES ESTOICAS. **Reflexões Estoicas | O que é Estoicismo?**. Disponível em: <https://reflexoesestoicas.com.br/o-que-e-estoicismo/>. Acesso em: 09jul2025.

REVEL, Jacques (org.). **Pierre Bourdieu: o sociólogo e o historiador**. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2013.

ROBERTSON, Donald. 2020. **O Estoicismo de Thomas Jefferson**. Disponível em: < https://donaldrobertson-name.translate.google/2020/02/08/the-stoicism-of-thomas-jefferson/?x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt-BR&x_tr_hl=pt-BR&x_tr_pto=sc>. Acesso em: 05jul2025.

SÊNECA, L. A. **Cartas a Lucílio**. Trad. de SEGURADO E CAMPOS, G. A. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, maio/ago. 2002. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Identidades sociais e a construção do conhecimento. *Cadernos CEDES*, Campinas, n. 58, p. 115-129, abr. 2002.

SHERMAN, Nancy. **Stoic Warriors: The Ancient Philosophy Behind The Military Mind**. Oxford University Press, 2005.

STOCKDALE, James B. **A tríade do guerreiro estoico**. Tradução de Aldo Dinucci. Prometeus – Filosofia em Revista, v.4, n.8, 2011.

STOCKDALE, James Bond. **Coragem Sob Fogo: testando as doutrinas de Epicteto em um laboratório comportamental humano / organizado por Aldo Dinucci**. Montecristo Editora, 2024.

STOCKDALE, J. (1995). **Thoughts of a philosophical fighter pilot**. Hoover Institution Press.

UNITED STATES. National Archives. Founders Online: **Thomas Jefferson**. Washington, D.C: National Archives, [s.d]. Disponível em: <https://founders.archives.gov/>. Acesso em: 30 set.2025.

USARMY. **History of West Point**. Disponível em: <https://www.westpoint.edu/about/history> of west point. Acesso em 08 ago.2025.

USMC. (1996). MCO 1500.56: **Marine Corps Values Program - United States Marine Corps**. Disponível em: <https://www.marines.mil/portals/1/Publications/MCO%201500.56.pdf>>. Acesso em: 09jul2025.

USNA. (2020). **Leaders to serve the nation: Strategic plan 2020**. US Naval Academy. Disponível em: < https://www.usna.edu/StrategicPlan/_files/docs/USNA-Strategic-Plan.pdf>. Acesso em: 06 set2024.

USARMY. **Código de Honra e Sistema de Honra dos Cadetes**: "Um cadete não mentirá, trapaceará, roubará ou tolerará aqueles que o fazem.". Disponível em: < https://www-westpoint-edu.translate.google/about/commandant/simon-center-for-the-professional-military-ethic/cadet-honor-code?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt-BR&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc>. Acesso em: 02jul2025.

USNA. **The U.S. Naval Academy at Annapolis, Md. Coming of Age for Civil War**. By Dwight Hughes . Disponível em: < <https://www.battlefields.org/learn/articles/us-naval-academy-annapolis-md>>. Acesso em: 02jun2025.

U.S. Naval Academy Opens, 1845. **Origins of the Naval Academy**. Disponível em: < <https://libertyflags.com/blogs/default-blog/u-s-naval-academy-opens-1845>>. Acesso em: 05mai2025.

UNITED STATES NAVAL ACADEMY. *Blue and Gold Book*. Annapolis: USNA, 2010.

US ARMY. *Código de Honra e Sistema de Honra dos Cadetes*. West Point: United States Military Academy, 2019. Disponível em: <https://www.westpoint.edu>. Acesso em: 17 set. 2025.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Thomas Jefferson. 2025. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/jefferson/>. Acesso em: 17 set. 2025.

WIKIPÉDIA. Conversão moral. Wikipédia, a enciclopédia livre, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Convers%C3%A3o_moral. Acesso em: 17 set. 2025.

WIKIPÉDIA. *Conversão em filosofia*. Wikipédia, a enciclopédia livre, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Convers%C3%A3o_em_filosofia. Acesso em: 17 set. 2025.